



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

TARCÍSIO DOS SANTOS LIMA

**AS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA CIDADE DE
ARAGUAÍNA – TO**

**ARAGUAÍNA (TO)
2019**

TARCÍSIO DOS SANTOS LIMA

**AS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
CIDADE DE ARAGUAÍNA – TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, para obtenção do título de graduação sob a orientação da prof.^a Dr.^a Kênia Gonçalves Costa.

ARAGUAÍNA (TO)
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L732e Lima, Tarcisio.
AS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
CIDADE DE ARAGUAÍNA – TO. / Tarcisio Lima. – Araguaína, TO, 2019.
89 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2019.

Orientadora : Kênia Gonçalves Costa

1. Estágio . 2. Experiências. 3. Docência. 4. Ensino. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TARCÍSIO DOS SANTOS LIMA

AS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA CIDADE DE
ARAGUAÍNA – TO

Monografia foi avaliada (a) e apresentada (a) a
UFT – Universidade Federal do Tocantins,
Campus Universitário de Araguaína Curso de
Geografia para obtenção do título de graduação e
aprovado (a) em sua forma final pelo Orientador e
pela Banca Examinadora

Data da Aprovação: 19/06/2019

Banca Examinadora:



Prof^a Dr.^a Kênia Gonçalves Costa, Orientadora, UFT



Prof. Dr. Maurício Ferreira Mendes, Examinador, UFT

AGRADECIMENTOS

A prof^a Dr^a Kenia Gonçalves Costa, pelas excelentes orientações e sugestões na elaboração do presente trabalho. Também pelas oportunidades dadas a mim para a participação em atividades que me trouxeram um notório enriquecimento intelectual.

A Universidade Federal do Tocantins, na pessoa do seu Diretor o prof^o. Dr^o. Luís Eduardo Bovolato, pela oportunidade de ter usufruído de um excelente método de ensino, propiciado especificamente pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia do Campus de Araguaína – Cimba.

Em especial aos professores doutores Alberto Pereira Lopes, pelo apoio/confiança depositada a minha pessoa, e Jean Carlos Rodrigues por ter possibilitado a mim desenvolver um projeto PIBIC em parceria com a CNPq, contribuindo para o melhor desenvolvimento do meu desempenho acadêmico.

A minha base familiar, por ter me apoiado e também me criticado, nos momentos necessários, de modo a me fazer cada dia uma pessoa mais madura e com um maior senso de responsabilidade, dando ênfase a minha avó Maria Rosa de Jesus, que infelizmente já nos deixou, mas deixou um legado a nossa família (*fazer o bem e sempre dar o seu melhor*).

Aos amigos (as) me desculpem por não citar nomes, achei melhor assim fazer, para não cometer nenhuma injustiça, esquecendo nomes que teve bastante importância na minha vida acadêmica. Eu acredito que uma amizade verdadeira nunca se acaba, por isso agradeço imensamente a todos que fizeram parte da minha vida acadêmica

Ao meu amigo/irmão Douglas Souza Gomes, parceiro da caminhada acadêmica e que foi um dos maiores responsáveis por esse trabalho pois foi juntamente com ele que os estágios, objetos desse Trabalho de Conclusão de Curso, foram realizados.

RESUMO

As disciplinas de estágio fazem parte da grade curricular da grande maioria dos cursos de graduação, porque é nesse momento que o acadêmico terá o contato prático com a sua futura área de atuação profissional, nos cursos de licenciaturas com as vivências no âmbito escolar, nas observações da estrutura, gestão, em sala de aula e também participando dos trâmites burocráticos (planejamento de aula e preenchimentos de diários) que farão parte da atuação docente. A pesquisa caminhou no sentido de refletir a formação docente no âmbito dos estágios, devido a isso é de fundamental importância trazer para o cerne das discussões o estágio, o relato de experiências de um acadêmico que cumpriu os quatro estágios exigidos pelo Curso de Licenciatura em Geografia realizado em um colégio da rede pública de ensino, tendo como objetivo evidenciar as experiências nos quatro estágios do curso de geografia da Universidade Federal do Tocantins no Colégio de Aplicação em Araguaína – TO. Para atender esse objetivo observou-se a estrutura, dinâmica e funcionabilidade da unidade concedente do estágio, no período dos estágios investigativos e na aplicação do projeto. Foi necessário identificar as categorias geográficas presentes nos conteúdos abordados nas regências e discutir estratégias de abordagem. Evidenciar através dos relatos das regências a efetiva prática docente durante os estágios. Desta forma apresenta como resultados a execução propostas pelos estágios, bem como as reflexões teórico e práticas da futura área de atuação profissional, à docência em geografia. *Desse modo este trabalho evidencia efetivamente as práticas de estágios, mostrando metodologias que foram e devem ser seguidas, para que o estágio seja contributivo ao ensino na unidade escolar.*

Palavras Chave: Estágio; Ensino de Geografia; Prática docente.

ABSTRACT

The internship disciplines are part of the curricular grid of almost all undergraduate programs, because that is the moment when the academic has contact with his or her future practice area, in graduation courses, experiencing the school environment, observing the structures, management, in classrooms and also participating in the bureaucratic facilities (class planning and filling daily reports) that will be part of the teaching performance. This research aims to reflect about the training of the teachers in teaching internship, for that it is fundamentally important bring about internship discussions, the report of an academic that has finished the four internships required by the Geography Course, completed in a public school, seeking to highlight the experiences lives in the four internships of the Geography Course of the Federal University in Tocantins, in the Colégio de Aplicação in Araguaina-TO. To understand this aim the structure was observed, the school's dynamic and functionality, in the period of the inquisitive internship in the project application. It was necessary to identify the geographic categories present in the issues taught in the classes and discuss the approach strategies. Highlight through the reports the effective teaching practice during the internships. This way show the results of the execution proposed by the internships, and the theoretical and practical reflections about the future working field, Teaching geography. This research highlights effectively the internship practices, showing methodologies that were and should be followed, so the internship can be contributory for teaching in school units.

Keywords: Internship; Teaching geography; Training of the teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	
Ilustração 1 – Esquema do Geossistema de Bertrand	25

LISTA DE MAPAS	
Mapa 1 – Localização do Município de Araguaína.....	10

LISTA DE SIGLAS	
FACILA	Faculdade de Educação, Ciências e Letras
PPP	Plano Político Pedagógico
U.E	Unidade Escolar
TO	Estado do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
DREA	Diretoria Regional de Ensino de Araguaína
UFG	Universidade Federal de Goiás
LABIN	Laboratório de Informática
PPC	Plano Político Curricular
EUA	Estados Unidos da América
CRN	Coreia do Norte
PIB	Produto Interno Bruto
UC	Unidade Concedente
ONU	Organização das Nações Unidas

Sumário

1	INTRODUÇÃO	9
2	DA TEORIA A PRÁTICA: REFLEXÕES ACERCA DAS CATEGORIAS ABORDADAS NOS ESTÁGIOS	
2.1	AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	17
3	AS CATEGORIAS PRESENTES NOS CONTEÚDOS DURANTE AS REGÊNCIAS	21
3.1	A REGIÃO: UMA TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO	21
3.2	UMA DISCUSSÃO A RESPEITO DA PAISAGEM	24
3.3	O CONCEITO DE TERRITÓRIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA	27
4	OS ESTÁGIOS DE INSERÇÃO DO ACADÊMICO NO COTIDIANO ESCOLAR	29
4.1	OS ESTÁGIOS INVESTIGATIVOS	29
4.1.1	<i>Aplicação do projeto de intervenção pedagógica</i>	31
4.1.2	<i>Resultados obtidos na aplicação do projeto de intervenção pedagógica</i>	32
5	A EFETIVA PRÁTICA DA DOCÊNCIA	34
5.1	ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	34
5.1.1	<i>Ensino Fundamental – Da Geopolítica a Geografia Física</i>	35
5.1.1.1	Primeira regência	35
5.1.1.2	Segunda regência - conflitos na Síria	36
5.1.1.3	Terceira regência -Estados Unidos da América X Coreia do Norte	37
5.1.1.4	Quarta regência - Organização das Nações Unidas	39
5.1.1.5	Quinta regência (Correção das atividades)	40
5.1.1.6	Sexta regência (identificando os países asiáticos)	41
5.1.1.7	Sétima regência (Cordilheiras do Himalaia)	41
5.1.1.8	Oitava regência (Clima e Vegetação)	43
5.1.1.9	Nona regência (Estudando as monções)	44
5.1.1.10	Décima regência (Se ambientando aos contratempos do cotidiano escolar)	45
5.1.1.11	Décima primeira regência (Continuando as apresentações)	46
5.1.1.12	Décima segunda regência (Prova da OBMEP)	47
5.1.2	<i>Estágio Supervisionado no Ensino Médio: aspectos naturais do Brasil</i>	47
5.1.2.1	Primeira regência (Massas de ar que atuam no Brasil)	47
5.1.2.2	Segunda regência (Revisão e Atividade)	48
5.1.2.3	Terceira regência (Visto , correção das atividades e a abordagem das peculiaridades do clima do nordeste brasileiro)	49
5.1.2.4	Quarta regência (Seminários e a abordagem/diferenciação entre evaporação, evapotranspiração e transpiração)	51
5.1.2.5	Quinta regência (O plano b)	52
5.1.2.6	Sexta regência (Semana de Provas)	53
5.2	RELAÇÃO COM A BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
8	APÊNDICES	62
8.1	APÊNDICE 1- PLANO DE ENSINO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)	63
8.2	APÊNDICE 2 – PLANO DE AULA 01 (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)	67
8.3	APÊNDICE 3 – PLANO DE AULA 2 (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)	71
8.4	APÊNDICE 4 – PLANO DE ENSINO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)	75
8.5	APÊNDICE 5 – PLANO DE AULA (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)	78
8.6	APÊNDICE 6 – REPORTAGEM/ATIVIDADE (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)	81
8.7	APÊNDICE 7 – ATIVIDADE (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)	83
8.8	APÊNDICE 8 – ATIVIDADE DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS (ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO IV)	84
9	ANEXOS	85
9.1	ANEXO 1 - ATIVIDADE —.(ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)	86

1 INTRODUÇÃO¹

O estágio está na matriz curricular de grande parte dos cursos de graduação, principalmente nos cursos de licenciatura. Pimenta e Lima (2005/2006) nos traz a ideia que esse é o momento em que o acadêmico vai ter a noção prática do que ‘realmente’ será a docência, ao modo que é neste momento que o mesmo vai ter o contato com o ambiente escolar na perspectiva de um docente e não mais como um aluno, tendo responsabilidades e funções que se assemelhará com a sua futura profissão.

O presente trabalho visa mostrar as experiências de estágios durante o tempo de graduação, de maneira que seja possível elucidar aos outros acadêmicos sobre as práticas necessárias para a execução da parte prática do curso. Também desmistificar o estágio para os acadêmicos pois têm nele sua “Topofobia (TUAN, 2005) ” durante o período do curso.

Essa produção se norteará com o objetivo geral de evidenciar as experiências nos quatro estágios do curso de geografia da Universidade Federal do Tocantins no Colégio de Aplicação em Araguaína – TO. Desta forma permitiu identificar as categorias geográficas presente nos conteúdos abordados na regência e evidenciar através dos relatos das regências a efetiva prática docente. O Colégio de Aplicação deu início as suas atividades no ano de 1990, dois anos após a criação do Estado do Tocantins, primeiramente localizado no mesmo local e que funcionava a FACILA.

O Colégio de Aplicação foi criado, em sua primeira fase, pela administração da então Faculdade de Educação, Ciências e Letras – FACILA, no ano de 1990, funcionando, nos seus primeiros anos, no próprio Campus da FACILA, Bairro São João, no município de Araguaína, funcionando com o Regimento da Faculdade, e tinha como objetivo servir de laboratório-escola – Campo de Estágio da Faculdade, e oferecer uma educação de qualidade, utilizando-se dos recursos humanos do corpo docente da FACILA, e estágios supervisionados para a comunidade acadêmica dos Cursos Superiores de formação de professores das instituições de nossa cidade. (PPP – APLICAÇÃO, 2017, p. 9)

A escola, hoje, funciona em outra localidade, antes na região central da cidade, atualmente no Setor Couto Magalhães na cidade de Araguaína – TO, recebendo alunos de setores periféricos da cidade, como o setor, de casas populares, Costa Esmeralda.

A Unidade Escolar oferece a comunidade local e circunvizinha o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, e o Ensino Médio do 1º ao 3º ano, oferecido hoje em turno matutino. A escola funciona os dois períodos diurnos

¹ Este Trabalho de Conclusão de Curso seguiu as normas técnicas Resolução nº 36/2017 (UFT, 2017).

manhã/tarde, sendo que estão regularmente matriculados quatrocentos e quarenta e seis alunos, divididos em nove turmas pela manhã e seis turmas a tarde. Sendo que a unidade escolar oferece a modalidade *mais educação*², que conta com três turmas matutinas e seis turmas vespertinas, com uma média de quarenta alunos por turma.

O mesmo possui salas de aulas espaçosas, iluminadas e arejadas. Algumas salas são climatizadas e as demais possuem ventiladores. Todas as salas apresentam grades, para melhorar a segurança. O espaço físico é amplo e se divide em 12 salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de tecnologia (vídeo e multimídia), um laboratório de informática, uma secretaria, um amplo pátio coberto para recreação e área para estacionamento interno, banheiro para alunos e para professores – masculino e feminino.

O laboratório de informática, assim como a sala dos professores e coordenação, é climatizado. O laboratório de informática possui computadores que estão conectados à internet sem fio. A escola também conta com uma sala de tecnologia, onde estão presentes Datashow, Kit Multimídia, Sons, CDs e DVDs.

O corpo discente do Colégio de Aplicação é formado por alunos adolescentes, jovens e adultos, sendo que a maioria reside nas adjacências do colégio, porém na unidade escolar há alunos que residem em bairros afastados e que utilizam o transporte escolar. Os alunos pertencem à classe social de baixa renda e na maioria das vezes são filhos de pais não alfabetizados ou com baixo grau de escolaridade que delegam a unidade escolar total responsabilidade com a educação dos filhos. A estrutura familiar da maioria do alunado é irregular. Muitos pais só comparecem à escola no início do ano, por ocasião das matrículas. E outros nunca comparecem. No referido colégio nota-se a indisciplina dos alunos, porém de forma mais atenuada e fácil de lidar.

Um dos grandes problemas diagnosticados pela escola são alunos em grande vulnerabilidade social, e alunos portadores de deficiências intelectual, visual e mental precisando de professores auxiliares influencia também no baixo rendimento dos alunos refletindo assim na indisciplina e no aprendizado dos mesmos, pois o professor regente não consegue dar a atenção necessária para esses alunos pois se encontram numa sala diversificada, interferindo assim diretamente no desenvolvimento efetivo dos conteúdos planejados para aula.

² Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades socioeducativas no contra turno escola. (BRASIL, 2007)

Outros pontos negativos encontrados nesta U.E. estão relacionados a infraestrutura uma vez que os muros são muito baixos, dificultando assim o controle eficiente da entrada e saída das pessoas, além de equipamentos que necessitam de manutenção e até mesmo que sejam trocados por modelos mais modernos, pois alguns são bem arcaicos e não suprem mais as necessidades da equipe influenciando assim na aprendizagem e no desenvolvimento das atividades escolares.

Metodologicamente essa é uma pesquisa descritiva, que tem como procedimentos metodológicos, primeiramente uma revisão bibliográfica das práticas pedagógicas envolvidas à prática de estágio. Logo em seguida, uma revisão conceitual a respeito das categorias geográficas que estiverem presentes nos conteúdos que fizeram parte de nossas regências e por fim um relato das experiências da prática do estágio na educação básica.

O primeiro estágio, denominado Estágio Investigativo I inseri o acadêmico no ambiente, tendo como objetivo o estudo do Plano Político Pedagógico, observar e relatar o aparelhamento físico da escola. O estágio subsequente vai possibilitar que o acadêmico se insira na sala de aula, pois o mesmo vai observar inúmeras regências do professor de geografia com o objetivo de captar suas metodologias para desenvolver as aulas e suas concepções pedagógicas. O próximo é o Estágio Investigativo II nesse mesmo estágio é elaborado um projeto de intervenção escolar. Os dois próximos períodos práticos se basearam em reger doze aulas, primeiramente no Ensino Fundamental, Estágio Supervisionado e em seguida no Ensino Médio, Estágio Supervisionado

O Estágio Investigativo I, se iniciou com as explicações da professora de estágio a respeito do que teríamos que fazer nessa primeira parte prática do Curso de Licenciatura em Geografia, logo em seguida nos deixando cientes de como deveríamos ter que proceder com a documentação necessária e o que deveríamos observar na Unidade Concedente (UC).

O segundo passo foi ir à escola para conversar com a diretora e a coordenadora para ver se tinha a possibilidade de o estágio ser cumprido no Colégio de Aplicação na cidade de Araguaína – TO. Após a direção da unidade escolar permitir que o mesmo fosse realizado na unidade concedente, coletamos os dados necessários para o

preenchimento dos documentos e devido isso se fez necessário obter a assinatura da pessoa responsável pela Central de Estágios e da professora responsável pela disciplina de Estágio na UFT.

Após as assinaturas, necessitou-se retornar a UC para que a professora regente da disciplina de geografia assinasse os documentos necessários. Logo em seguida nos encaminhamos para a Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA), com o intuito de recebermos a autorização da mesma para estagiarmos no Colégio de Aplicação.

A realização do estágio se baseou em discussões de textos (na UFT) que discutiam as tendências pedagógicas e reflexões a respeito das práticas nos estágios dos cursos de licenciatura. Na UC foi feita a análise do Plano Político Pedagógico (PPP), observação da sua estrutura física (salas de aula, laboratórios etc.) e seus equipamentos que auxiliam no desempenho de sua atividade fim, o ensino. Todas as ações já mencionadas resultaram na elaboração de um relatório.

O início do estágio investigativo II ocorreu com as orientações do professor da disciplina de estágio, em seguida preenchemos os documentos e buscamos as assinaturas da responsável pela central de estágio da Universidade Federal do Tocantins, tendo a documentação necessária em mãos no dia 31 de outubro nos encaminhamos à Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA). Alcançados os objetivos propostos lá partimos para a instituição de ensino, Escola de Aplicação, para apresentarmos a autorização da DREA para iniciarmos o estágio investigativo II.

No dia 9 de novembro iniciamos as observações em sala de aula. Observamos um total de oito aulas compreendidas até o dia 8 de dezembro de 2018, durante as observações foi preenchido um questionário, passada a nós pelo professor supervisor da Universidade Federal do Tocantins, intercalados com as datas de observações, elaboramos e aplicamos o projeto de intervenção pedagógica sob a temática “Diáspora Africana”, projeto este, que foi aplicado no dia 20 de novembro no pátio para todos os alunos da escola. Tal projeto foi realizado em conjunto com as turmas do 8º “b” e 8º “c” do turno vespertino.

Ao final das observações fomos avaliados pela professora responsável por nos supervisionar na unidade concedente e concluímos a parte de observação com a assinatura da professora de estágio dos documentos de encerramento do estágio. Para dar prosseguimento à disciplina de estágio, continuamos trabalhando a parte teórica, na UFT, com a discussão de autores que trabalham o ensino de geografia.

A disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, se iniciou antes mesmo de começar o período. Na última aula de Estágio Investigativo II, foi combinado de adiantar uma aula, nos dias de recesso, porque o professor de estágio tinha que viajar devido seu doutoramento na Universidade Federal de Goiás (UFG).

O objetivo da aula era que ele nos explicasse os procedimentos da disciplina, como ia ser seu método de avaliação, nos orientar em questão da nossa postura com os alunos em sala de aula e nos mostrar quais documentos eram necessários para iniciar o Estágio supervisionado no Ensino Fundamental, focando em nos explicar sobre o Plano de Ensino e o Plano de Aula, que eram documentos que não utilizamos nos estágios anteriores.

No dia 25 de março de 2018 fomos até o Colégio de Aplicação conversar com a professora de geografia a respeito da nossa intenção de que ela fosse nossa supervisora de estágio na escola, já que a professora que havia nos supervisionado, nos estágios anteriores, tinha mudado de função devido ela está em iminência de se aposentar. A professora nos deixou bem tranquilos, pois ela aceitou e nos recebeu muito bem, falando que ia nos ajudar no que precisássemos. Mas também nos perguntou se não íamos “deixar ela na mão”, como alguns alunos de estágio já tinham feito, não comparecendo nas regências.

A partir dessa indagação, falamos para ela que uma das formas de avaliação do nosso professor de estágio da Universidade Federal do Tocantins era o comprometimento dos estagiários no cumprimento do horário e com as regências, sem causar transtornos para a escola e o professor regente da disciplina. E caso isso acontecesse sem uma justificativa amparada por meios legais o aluno já estaria reprovado na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental.

Após sanarmos a preocupação da professora, explicamos como seria os procedimentos do estágio, que seria quatro observações e doze regências, e ela disse que nessa quantidade de regências conseguiríamos trabalhar três conteúdos, partindo disso, a professora nos apresentou os conteúdos, sendo estes, *A geopolítica do mundo contemporâneo*, *Aspectos físicos da Ásia e Regionalização do continente asiático* no 9º “b”, salientado que esses conteúdos gerais são repassados pela Delegacia Regional de Ensino, que no caso do Colégio de Aplicação, é a unidade de Araguaína (DREA).

No dia 1º de abril de 2018, enviamos por e-mail o termo aditivo, plano de atividades e o plano de ensino, para professor de estágio da UFT corrigir e colocar sua assinatura. No dia seguinte fomos a Central de Estágios da UFT, para colher a

assinatura da responsável pela mesma. Nos dirigimos a Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA) no dia 5 de abril (quinta-feira), para receber a carta de consentimento permitindo assim, a escola nos receber para estagiar.

Iniciamos as observações, das aulas da professora de geografia do Colégio de Aplicação, dia 10 de abril 2018, por ser apenas duas aulas por semana, as observações se prosseguiram até dia 19 do mesmo mês. Nesse período começamos a elaborar o plano de aula e o conteúdo sobre o conteúdo geopolítica. Foi necessário montar o conteúdo quase do zero, pois, o mesmo não era contemplado no livro do 9º ano adotado pela escola.

No dia 20 de abril de 2018, enviamos ao professor de estágio, o plano de aula sobre a geopolítica contemporânea, que ia abranger as quatro primeiras regências, que estavam divididas respectivamente em *“Conceito fundamentais, A guerra na Síria, “Conflito” entre Coreia do Norte e Estados Unidos da América”* e como última aula, do primeiro plano de aula, *“A Organização das Nações Unidas”*. Quando recebemos o retorno do professor, mostramos o mesmo plano a professora regente da escola.

Na data de 13 de maio de 2018, enviamos o plano de aula referente ao conteúdo, *“Os aspectos físicos da Ásia”*, para o professor da disciplina de estágio. Esse conteúdo não estava contemplado no livro, do 9º ano, adotado pela escola. Tal plano de aula abrangia as três próximas aulas que estavam disposta no plano na seguinte sequência, *Noções introdutórias a respeito da Ásia, Cordilheira do Himalaia e Zonas climáticas que abrange o continente asiático.*

Para construirmos os conteúdos precisamos, além do livro do 9º ano, Espaço e Vivência (BOGILIAN, 2016), recorrer ao livro do 9º ano, Expedições Geográficas (ADAS, 2015). Fez-se necessário o uso de artigos para obtermos as definições de termos essenciais na geografia, como o conceito de território. Também fizemos o uso de imagens, obtidas na internet, para demonstrar e elucidar visualmente, aos alunos, o que estávamos explicando.

Para o desenvolvimento das aulas, utilizamos apresentações de slide com o uso de data show, foi usado o mapa mundi para espacializar geograficamente os temas abordados nas regências. Além dos materiais que já mencionamos, foram utilizados materiais básicos como quadro, pincel, apagador, computador, caixa de som e pendrive.

O estágio de regência no Ensino Médio começou com o professor reforçando as orientações sobre o comportamento dos estagiários nas Unidades Concedentes e o cumprimento dos horários. A respeito da documentação o professor supervisor de

estágio da Universidade Federal do Tocantins (UFT) nos alertou que os alunos que continuariam na mesma escola precisariam, inicialmente, preencher o termo aditivo e o plano de atividades. E os que iriam mudar de escola teriam que preencher o termo de compromisso além do plano de atividades.

Ratificou ainda que todos precisavam elaborar novamente o plano de ensino como no estágio anterior. Devido a isso, nos disse que teríamos que ir na Unidade Concedente para conversamos com a professora regente da disciplina de geografia e assim explicarmos a ela como se daria o estágio e para saber o conteúdo que seria atribuído para nós, estagiários ministrarmos as aulas.

Fomos à escola e a professora nos incumbiu do conteúdo “*os aspectos naturais do Brasil*” e também ficamos cientes de quando seriam nossas observações e consequentemente o início das regências. Em seguida elaboramos o plano de ensino e apresentamos ao professor supervisor de estágio da UFT. Após realizarmos as correções que ele nos sugeriu partimos para Unidade Escolar (UE) afim de que a professora da disciplina de geografia nos desse seu parecer sobre o mesmo.

Após o preenchimento dos documentos, pegamos a assinatura do professor de estágio e depois da pessoa responsável pela central de estágios na UFT. O próximo passo foi retornar à escola para que a professora de geografia e a diretora assinassem o plano de ensino, o plano de aulas e o termo aditivo. Com os documentos devidamente assinados nos dirigimos à Diretoria Regional de Ensino de Araguaína (DREA) para apresentar os documentos, já mencionados anteriormente, e receber a declaração nos autorizando a continuar o estágio no Colégio de Aplicação.

Antes de dar início às observações elaboramos um plano de aula que abrangia seis regências, nele estava detalhado como e o que iríamos trabalhar em cada aula. Seguimos os mesmos passos da elaboração do plano de ensino, mostramos primeiramente ao professor supervisor de estágio da UFT e após ele nos dizer que estava correto, apresentamos o mesmo à professora de geografia da Unidade Concedente e mais uma vez ela nos deu parecer positivo sobre a distribuição dos conteúdos para cada aula.

O próximo passo, já voltado para a parte prática do Estágio Supervisionado no Ensino Médio, foi a realização de duas observações de aula, uma em cada uma das turmas. Como iríamos reger duas turmas, (seis aulas em cada uma), fizemos apenas uma observação em cada classe. Pois o regimento do estágio exigia duas observações para doze regências.

É evidente que o estágio se baseia em grande parte na empírica, porém é preciso vincular a parte prática à teoria, de modo a conseguir absorver as teorias educacionais e as práticas e conseqüentemente ser capaz de aplicá-las em sala de aula. Esta vinculação foi feita através das discussões sobre os textos de autores que trabalham as práticas pedagógicas e também com o auxílio do professor supervisor de estágio da UFT.

O estágio se encaminhou para o seu fim com o término das regências, com o preenchimento das documentações de encerramento de estágio e a avaliação de nós, estagiários, feita pela professora supervisora do nosso estágio no Colégio de Aplicação. Se encerrando definitivamente com a elaboração do relatório final, que traz em si, dentre outras informações os relatos de todas as aulas que ministramos na unidade escolar.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso vai se estruturar em mais três tópicos, sendo que o tópico II, “*Da Teoria à prática: reflexões acerca das categorias abordadas nos estágios*”, vai trazer as discussões a respeito do estágio, baseados em autores que tratam essa temática, em seguida, ainda no mesmo tópico, será feita uma revisão bibliográfica acerca das categorias que fizeram parte dos conteúdos abordados durante os estágios de regências.

O tópico III “*Os estágios de inserção do acadêmico no cotidiano escolar*”, evidencia as práticas/ações realizadas no primeiro e segundo estágios e a aplicação do projeto de intervenção escolar. O IV e último tópico “*A efetiva prática da docência*”, mostra como se desenrolou as regências, tanto no Ensino Fundamental (Estágio Supervisionado III) quanto no Ensino Médio (Estágio Supervisionado IV)

2 DA TEORIA A PRÁTICA: REFLEXÕES ACERCA DAS CATEGORIAS ABORDADAS NOS ESTÁGIOS.

2.1 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O estágio é um requisito obrigatório de todos os graduandos em cursos de licenciatura, nele o universitário terá uma visão prática do que é o ensino e a profissão, em que ele está se formando. A teoria ensinada nas Instituições de Ensino Superior (IES) não dão a visão completa do contexto/realidade educacional para o graduando, e o estágio é a forma do aluno conseguir presenciar essa realidade.

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’. Que ‘na prática a teoria é outra’. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (LIMA; PIMENTA, 2005/2006, p. 6)

A Universidade muitas vezes se torna uma entidade a parte da sociedade, não fazendo o vínculo com a realidade. São teorias e mais teorias, que é essencial para o futuro docente, só que da forma que são repassadas ao acadêmico não possibilita o nexo entre a realidade social e educacional que ele, o futuro professor, encontrará na educação básica.

Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, sequer pode-se denominá-las de teorias, pois constituem apenas saberes disciplinares, em cursos de formação que, em geral, estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos. Neles, as disciplinas do currículo assumem quase total autonomia em relação ao campo de atuação dos profissionais e, especialmente, ao significado social, cultural, humano da ação desse profissional. (LIMA; PIMENTA, 2005/2006, p. 6)

Nesse contexto, chega-se ao entendimento que o estágio tem como objetivo principal inserir o graduando na escola (educação básica). Mas vale salientar que o estágio não é simplesmente ir na escola e assistir/“repassar” conteúdo, o estágio tem que vir acompanhado de uma reflexão do contexto escolar e com essa reflexão elaborar técnicas de “repassar” o conteúdo. Ou seja, um projeto de intervenção pedagógica, se bem planejado e bem executado dá ao estudante de geografia ferramentas para o futuro professor se familiarizar com a sua futura profissão.

As atividades desenvolvidas durante o estágio, quando bem planejadas, sistematizadas com um trabalho intencional do professor supervisor permitem aos estudantes apropriarem-se das metodologias de trabalho

especialmente compreendendo a importância do seu papel na formação humana. (LUGLE; MAGALHÃES, 2013, p 121).

Mas, tem-se que ter o discernimento que o papel do estagiário na escola é complementar o trabalho do professor e não o fazer por completo e sozinho. É isso que ocorre em muitas escolas do país, os estagiários cumprem quase que totalmente o papel do professor, ministram aulas, elaboram provas, além da carga horária exigido nas normas do estágio e não são remunerados por isso. Basicamente um trabalho de exploração aos estagiários.

Nessa perspectiva, a atividade de estágio [...] têm por objetivo auxiliar os alunos no desempenho de suas atividades na sala de aula, podendo ser desenvolvidas sob a forma de cursos ministrados por estagiários, voltados para a confecção de recursos didáticos. Por isso, muitas vezes, têm sido utilizadas como cursos de prestação de serviço às redes de ensino, obras sociais e eventos, o que acaba submetendo os estagiários como mão de obra gratuita e substitutos de profissionais formados. (LIMA; PIMENTA, 2005/2006, p. 8)

E nessa perspectiva o estagiário tem que ser capaz, baseado nas teorias pedagógicas e na vivência prática, de perceber que as escolas quase sempre sofrem com a ineficiência de políticas educacionais, com a falta de corpo docente e colaboradores bem capacitados além da sobrecarga de trabalho a qual estão submetidos. Por isso, tem que se fazer uma reflexão sobre as condições dada a escola para desempenhar sua função de ensino, antes de criticarmos. Se não caímos na miopia popular de sempre culpar a escola. Pimenta e Lima (2005/2006)

Essa crítica à didática instrumental gerou, num primeiro momento, uma negação da didática, sendo substituída por uma crítica às escolas em geral, uma vez que se consideravam estas como aparelhos reprodutores das ideologias dominantes na sociedade. Essa percepção traduziu-se em modalidades de estágio que se restringiam a apenas captar os desvios e falhas da escola, dos diretores e dos professores, configurando-se como um criticismo vazio, uma vez que os estagiários lá iam apenas para rotular as escolas e seus profissionais como ‘tradicionais’ e ‘autoritários’ entre outros. (LIMA; PIMENTA, 2005/2006, p. 10)

Então cabe o acadêmico/estagiário fazer uma reflexão sobre qual o seu papel na educação e qual os resultados concretos que as suas ações terão na vida dos alunos que serão auxiliados por ele. Ainda segundo Lima e Pimenta (2005/2006, p. 11) “[...] a profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino”.

Voltando as possibilidades da educação como mudança da realidade social, fica explícito a importância do papel da ciência geográfica. O ensino de geografia dá suporte

ao aluno, para que ele seja capaz de reconhecer o contexto social em que está inserido, fazendo uma articulação entre seu cotidiano, empírico, com a realidade social em outras escalas. Parte-se do local do aluno, mas explicitando que tal realidade sofreu/sofre influência de realidades em escalas maiores (regional, nacional e mundial) e que os resultados percebidos hoje fazem parte de um processo histórico-geográfico.

[...] como fazer o aluno pensar sobre o mundo. É preciso mostrar a ele que existe desigualdade social, concentração de capital, monopólio de grandes empresas e do Estado, má qualidade dos serviços públicos (contraditoriamente, o Brasil é um dos países que mais arrecada impostos no mundo), etc. Além de enfatizar conceitos, categorias e métodos do ensino geográfico. (PEREIRA; FERREIRA; SANTOS, 2014, p. 49)

Mas nos dias atuais, a geografia nos currículos escolares se encontra ameaçada, pois, torná-la uma disciplina não obrigatória nas escolas é o reinício do processo de tirar da educação básica o poder de tornar o aluno um ser conhecedor dos aspectos sociais, econômicos e naturais que o cerca, deixando-o um ser alienado, que não questiona o que lhe é imposto. E isso fica claro pela ausência da obrigatoriedade da geografia na lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 (BRASIL, 2017) que regulariza o “novo” ensino médio.

Muitas perguntas ainda estão sendo feitas a respeito das novas proposições, porém o mais significativo para nós são as perguntas referentes a como fica a posição da Geografia neste novo contexto. Ou, ainda, pode-se questionar qual o novo Lugar da Geografia no ensino básico, pois com certeza muda a situação das disciplinas no interior do currículo, assim como vem mudando o papel da Geografia no novo contexto mundial. (CALLAI, 1998, p. 67)

Ainda no final da década de 1990, em um contexto de transformação da geografia, em aspectos educacionais diferentes do que estamos presenciando nos dias atuais, as indagações de Helena Copetti Callai representam bem as incertezas que presenciamos hoje.

[...] – Qual a condição em termos de conhecimento da sua ciência, do significado que ela tem no ensino, de o professor argumentar e conseguir impor-se diante da organização curricular da escola? Qual o peso do professor de Geografia e o significado da área no momento da discussão do Plano Pedagógico da escola? As referências teóricas dão conta de um arcabouço consistente para se entender e propor papel significativo para os conteúdos de Geografia na formação do aluno? (CALLAI, 1998, p. 68).

A sociedade, com as novas políticas educacionais, tende a uma educação cada vez mais superficial, voltada a formar técnicos para servir o mercado, tornando cada vez mais uma sociedade alienada que só reproduz as desigualdades já existentes. E na graduação, o estágio é a oportunidade da percepção, por parte do graduando, dessa

tendência da pedagogia tecnicista na escola e a chance de ele conseguir encontrar as formas de mesclá-la com as tendências progressistas. (LIBÂNIO, 1992)

3 AS CATEGORIAS PRESENTES NOS CONTEÚDOS DURANTE AS REGÊNCIAS

3.1 A REGIÃO: UMA TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO

Roberto Lobato Corrêa (2014) nos traz a ideia que o termo *espaço* tem vários significados dependendo da área do conhecimento ou até mesmo o período histórico de seu uso. Se tratando da palavra região, também temos inúmeras formas de conceituá-la, conceitos que se tornam obsoletos ou caem no desuso devido as especificidades e a evolução do conhecimento das ciências em todas as áreas.

Paulo César da Costa Gomes (2014, p. 50) evidencia isso ao redigir que

[...] na noção de região nas diversas esferas onde ela é utilizada, no senso comum, como vocábulos de outras disciplinas e, o mais importante, na variedade de acepções que ela possui na geografia. É necessário também paralelamente religar estas significações aos diversos contextos no qual esta noção serve como elemento-chave de um sistema explicativo, contextos políticos, políticos-constitucionais, econômicos e naturais.

O mesmo autor evidencia ao seu leitor como era usado e qual o conceito da palavra *regione* que era uma forma de controle do Império Romano sobre localidades que havia comando local próprio. “*Regione* nos tempos do Império Romano era a denominação utilizada para designar áreas que, ainda que dispusessem de uma administração local, estavam subordinadas as regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma.” (GOMES, 2014, p. 50)

No início do século XX surge na França o primeiro conceito para a palavra região, especificada como região natural, inicialmente entendida como determinista no modo de vida dos seres humanos e depois vista como resultado do trabalho humano, mas ainda sim definida por aspectos naturais o que vai aproximá-la bastante do conceito de região. “A primeira acepção, a região natural, apoia-se nos dados da natureza. A segunda segue a matriz do historicismo de base neokantiana, onde a região passa a ser vista como uma paisagem cultural, a denominar-se região-paisagem”. (TALASKA, 2011, p. 205)

Mais tarde, em meados da década de 1950, surge uma nova concepção de região, que está amparada pela Geografia Teórica ou Quantitativa que se baseava em modelos matemáticos, nessa nova forma de pensar essa categoria é caracterizada e delimitada de acordo com critérios, adotados pelo pesquisador, que melhor atendam o seu objetivo. Mas a partir desses critérios surgem duas formas de análise do denominado, *método*

regional. O primeiro chamado de *regiões homogêneas* que de acordo com Gomes (2014, p. 63) “[...] partem da ideia de que ao selecionarmos variáveis verdadeiramente estruturantes dos espaços, os intervalos nas frequências e magnitude dessas variáveis, estatisticamente mensurados, definem espaços mais ou menos homogêneos”.

Gomes (2014) ainda define que as *regiões funcionais* que se baseiam no papel das cidades e suas regiões de influências, as “interlandias”.

Quanto as regiões funcionais, a estruturação do espaço não é vista sob o caráter da uniformidade espacial, mas sim das múltiplas relações que circulam e dão forma a um espaço que é internamente diferenciado. Grande parte desta perspectiva surge com a valorização do papel da cidade como o centro de organização espacial. Desta forma, as cidades organizam sua interlandia (suas áreas de influência) e organizam também outros centros urbanos de menor porte, em verdadeiro sistema espacial. (GOMES, 2014, p. 64)

A partir da década de 1970 surgiu a corrente geográfica chamada geografia crítica que vai trazer para suas discussões uma perspectiva mais social, criticando veementes as vertentes anteriores que traziam esse ponto de vista, de lutas de classes, para os embates do pensamento da ciência geográfica.

Nesse período, o conceito de região passa a despertar também o interesse de pesquisadores não geógrafos, que buscavam o aprimoramento nos estudos do espaço social. O resultado foi uma expressiva ampliação no pluralismo conceitual de região, baseados, segundo Corrêa (1997), na diferenciação de áreas. (TALASKA, 2011, p. 207)

Bezzi (2004) também nos mostra que essa nova forma de pensar eram totalmente opostas as ideias já instituídas, de cunho positivistas, trazendo o marxismo como método para a discussões categóricas das ciências.

A partir dos anos 70, as ciências, de modo geral, são chamadas à prática social. A geografia teve que se inserir nesse movimento, uma vez que estava sendo acusada de acrítica, ideológica e conservadora. No bojo dessas transformações, deu-se início a um processo de críticas radicais, que em grande parte, coincidiu com uma aceitação do discurso marxista. (BEZZI, 2004, p. 178)

Milton Santos, em nosso entendimento, via a região como a especialização do território em etapas específica do processo de produção do mercado internacional em grande escala. Ele nos dá uma ideia do seu entendimento quando em sua obra *A metamorfose do Espaço habitado*, diz que

Compreender uma região passa pelo entendimento do funcionamento da economia ao nível mundial e seu rebatimento no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos”. (SANTOS, 1997, p. 46)

Então a região se dá ainda pela diferenciação de área que se distingue por suas especializações durante o processo de produção mundial. O autor citado no parágrafo anterior nos evidencia que essas regiões se caracterizam pela sua maior especialização deixando-as cada vez mais heterogêneas, umas às outras, devido isso.

E neste contexto que o estudo regional assumi um importante papel nos dias atuais, com a finalidade de compreender as diferentes maneiras de um mesmo modo de produção se reproduzir em distintas regiões do Globo, dadas suas especificidades. A região torna-se uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do planeta ou dentro de um país, associando a nova dinâmica as condições preexistentes. (SANTOS, 1997, p. 47)

Assim a região se diferencia, mas não se torna autônoma pois está interligada a uma rede do mercado internacional faz parte de um todo que se subdivide em todo o planeta, sendo conhecida como a divisão internacional do trabalho. (SANTOS, 1997)

A categoria região se apresenta em vários aspectos no ensino de geografia, ao tratarmos de geopolítica podemos afirmar que estamos estudando simultaneamente território e região pois a geopolítica atual estuda em especial a formação de blocos econômicos ao mesmo tempo que se configura a formação de territórios ou proteção dos mesmos, também estão em jogo a posse de grandes regiões produtoras tanto de matéria prima como de mão de obra e mercado consumidor.

Ao se trabalhar com essa categoria, região, em sala de aula, metodologias e/ou estratégias devem ser seguidas para o melhor desempenho dos alunos ao absorver o conteúdo, devido isso Silva e Silva (2012, p. 11) dizem que “Outra opção é o estudo de regiões em diferentes escalas de análise (local, regional, nacional e global) enfatizando o uso da cartografia como instrumento de aproximação dos lugares.”

Ainda os mesmos autores dão sua contribuição ao dizerem que:

Análise dos critérios de regionalização com base nas diversas propostas de regionalização, como: divisão regional do IBGE ao longo do tempo; divisão geoeconômica (complexos regionais); divisão com base no meio técnico-científico-informacional, dentre outras. É importante que o professor deixe claro quais foram os critérios utilizados e a finalidade da divisão regional estudada. (SILVA e SILVA, 2012, p. 11)

Nesse contexto, percebe-se que apesar de ser necessário pregar por um ensino crítico, ou seja, que faça o aluno pensar criticamente, não podemos deixar de ensinar os alunos usando como arcabouço teórico outras vertentes do pensamento geográfico.

3.2 UMA DISCUSSÃO A RESPEITO DA PAISAGEM

A concepção sobre a categoria geográfica traz ao longo do pensamento geográfico várias definições que vão ser influenciadas diretamente pelo contexto histórico do período em que tais conceitos foram concebidos. Tais definições vão trazer em si elementos naturais ou sociais, mas também naturais e sociais simultaneamente, devido isso se torna um conceito amplo e complexo. Essa complexidade fica evidente em Maciel e Lima (2011, p. 161) quando mencionam que “ [...] é necessário ressaltar que a variação dos conceitos de paisagem também estará atrelada a sua etimologia, que dará a palavra, um significado diferente de acordo as escolas relacionadas à geografia. Schier (2003, p. 80) também faz essa constatação no seu artigo intitulado *Trajelórias do conceito de paisagem na geografia*, ao comentar que “ [...]. Dentro da geografia, a interpretação do que é uma paisagem diverge dentro das múltiplas abordagens geográficas”.

A geografia vai se institucionalizar e conseqüentemente será de interesse dos debates científicos a partir do fim do século XIX, inicialmente tendo como destaque a escola alemã, com sua teoria do determinismo geográfico. O conceito de paisagem também vem fazer parte das discussões a partir desse mesmo período e suas abordagens vão trazer os aspectos naturais como sendo os elementos constituintes da paisagem, ou seja, era uma descrição da vegetação e do relevo. Isso vai ser evidenciado quando Maciel e Lima (2011) abordam que:

No século XIX, o estudo da paisagem trabalhou a abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade. Destacam-se grandes trabalhos precursores da época, como Alexander Von Humboldt e Richthofen, que tiveram um papel importante na orientação geográfica alemã. [...] na escola germânica, foram apresentados novos conceitos sobre paisagem, trabalhando em uma visão geográfica, a partir de um novo método de trabalho baseado na cartografia geomorfológica. Essa escola introduziu também o conceito de paisagem como categoria científica [...] (MARCIEL e LIMA. 2011, p. 161)

Na geografia francesa a paisagem foi deixada de lado pois o pilar dessa escola geográfica foi a categoria região. Mas é a partir daí que o conceito de paisagem é ligado e quase substituído pela definição de região, a escola possibilista incluiu o ser humano nos estudos da natureza, onde esse não era determinado a ela, porque era capaz de criar possibilidades de sobrevivência através do trabalho. Mesmo trazendo o homem como ser capaz de moldar a natureza ela continua na sua abordagem descritiva sobre a

mesma, voltado para o rol dos aspectos naturais. A partir disso, baseado em Guerra (2006), Marciel e Lima (2011, p. 162) irão dizer que “[...] termo região foi, durante um longo tempo, o pilar da geografia francesa, aplicando-se tanto a conjuntos físicos, estruturais ou climáticos quanto aos domínios caracterizados pela sua vegetação”. Mostrando que o conceito de região da escola francesa, de certo modo, se assemelhava ao de paisagem da escola alemã.

Na escola Soviética vai surgir uma nova discussão a respeito do conceito de paisagem que de acordo com Maciel e Lima (2011, p. 162).

Na antiga União Soviética [...] Dokoutchaev, em 1912, trouxe uma nova abordagem com relação aos elementos da natureza, definindo o Complexo Natural Territorial (CNT), na qual inclui os processos físicos, químicos e bióticos, colocando a vegetação como diferenciadora nas tipologias das unidades de paisagem e o solo como produto da interação entre o relevo, clima e a vegetação.

Já na década de 1940 Sauer vai trazer de vez os aspectos humanos para a discussão sobre os elementos constituintes da paisagem vai enfatizar que “[...] destaca que essa interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem”. (SCHIER. 2003, p. 80/81)

Georges Bertrand vai seguir a ideia de Sauer, levando em consideração ao tratar do conceito da paisagem, tanto os aspectos naturais como, com grande relevância, os aspectos humanos. Evidenciando isso ao definir paisagem como.

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND. 2004, p. 141)

O mesmo autor vai dizer que a paisagem não vai ser única, ela vai tomar forma de acordo com a escala de visualização. Dessa forma uma paisagem em escala maior vai ter em seu interior paisagens em escalas menores, que seriam as “*pays*”.

Realmente, se os elementos constituintes de uma paisagem são mais ou menos sempre os mesmos, seu lugar respectivo e sobretudo suas manifestações no seio das combinações geográficas dependendo da escala temporo-espacial. [...]. Isto nos leva a dizer que a definição de uma paisagem é função da escala. (BERTRAND. 2004, p. 144)

Bertrand (2004, p. 148) vai ligar diretamente as paisagens com as trocas de energias ocorridas no (2004, p. 148). “O sistema de evolução de uma paisagem, de um geossistema, por exemplo, reúne todas as formas de energia, complementares ou

antagônicas que, reagindo dialeticamente umas em relação as outras, determinam a evolução geral da paisagem”.

Bertrand traz nesse esquema que o Geossistema, que vai ser um dos elementos que vai ditar o ritmo da evolução das paisagens, mostrando que a ação antrópica, ou seja, as ações do homem vão ser primordial na formação da paisagem.

Milton Santos, um dos maiores representantes da geografia Brasileira e mundial, vai discutir a paisagem como natural e tecnicada. A natural como sendo elementos ainda intocados pelo homem e a tecnicada como sendo a já mudada pelo ser humano. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1997, p. 61). E o mesmo autor complementa que,

A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas. (SANTOS, 1997, p. 64)

Na discussão de Milton Santos a respeito da paisagem, não é possível deixar o ser humano de fora, pois, a técnica aplicada por ele através do trabalho vai ser o que vai modelar a paisagem. Nesse caso seria na paisagem tecnicada, porque a natural seria a intocada pelo ser humano. Este mesmo autor, porém, afirma ao definir paisagens naturais e artificiais que, estas primeiras têm se tornado cada vez mais inexistente, visto que todas as paisagens existentes estão sob interesses de algum grupo ou sociedade.

Se no passado havia a paisagem natural, hoje esta modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. (SANTOS. 1997, p. 64)

Isto nos faz perceber que à medida que o tempo passa e a técnica vai sendo aprimorada juntamente com as possibilidades de comunicação e controle do espaço, tudo que existe se torna alvo de interesse e objeto de disputas de poder e sendo assim, as paisagens mesmo as mais longínquas, tidas como “naturais” se tornam artificiais nesta perspectiva, pois mesmo estas são vistas e tem sobre si intencionalidades de sujeitos.

Silva e Silva (2012, p. 9) sugere que para trabalhar a categoria paisagem, formas mais eficazes como

Entre as temáticas podemos destacar as sugestões de Lisboa (2002), tais como: as grandes paisagens naturais do globo; a comparação entre paisagens de diferentes países enfatizando os aspectos socioeconômico, culturais e ambientais; diferenciar paisagens urbanas, rurais e áreas industriais, assim como paisagens naturais e modificadas.

E essa forma de abordagem é de extrema importância para que os alunos tenham um entendimento “holístico” da forma de analisar a sociedade na perspectiva da região como categoria principal. “Todavia, as divisões regionais não são definitivas, assim como não pretendem apresentar a totalidade da diversidade espacial, mas sim, devem contribuir para a compreensão de um problema, sendo um meio e não mais um produto.” (SILVA e SILVA, 2012, p. 10)

3.3 O CONCEITO DE TERRITÓRIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Partindo do pensamento sobre as técnicas, observadas no segundo estágio e de como o estagiário necessita encontrar formas de oferecer um ensino mais aprofundado de geografia, nós voltamos agora para uma nova situação em que no momento de executarmos a regência de aulas devemos compreender os conceitos da geografia, em nosso caso, o conceito de território e a sua aplicação nos anos finais do ensino fundamental. Para tanto buscamos nos embasar em autores que abordam esta temática no campo do ensino como Saquet (2012), Cavalcanti (2006) e Rosa (2006). Em se tratando do estudo do território associado às práticas docentes estes autores são de suma importância para a nossa formação teórico-metodológica. Esta teoria associada à prática adquirida em sala nos dará suporte para uma boa execução do estágio

Neste sentido, compreender o conceito de território e as suas aplicações ao ensino é algo essencial para o estagiário de geografia, pois se trata de uma das bases principais para se trabalhar os conteúdos exigidos em sala de aula. Assim, se torna indispensável que nos aprofundemos nesta discussão no sentido de nos aprimorarmos e oferecermos aos alunos um ensino que aponte além do que está posto no livro didático, uma visão holística do mundo a partir do ensino de geografia.

Nesse sentido, a abordagem territorial possibilita a ampliação da compreensão dos temas e das análises problematizadas no livro didático. Uma abordagem crítica, múltipla, histórica, relacional e reticular é necessária como orientação teórico-metodológica para a pesquisa e para o processo ensino-aprendizagem de Geografia. (SAQUET, 2012, p. 15).

Como bem observamos em Saquet (2012), esta compreensão é importante para além dos temas abordados no livro didático, mas também no que diz respeito a

compreensão do mundo e suas constantes mudanças, visto que a configuração territorial é fruto de todo um cenário geopolítico que se constrói e a todo instante se transforma conforme se relacionam os atores sociais e as organizações do mundo globalizado. Portanto, a regência é para o estagiário, o momento de se aproximar da realidade escolar, do convívio com os alunos e com o ambiente de ensino e para tanto, deve se preparar buscando conceitos que possam dar o suporte teórico para a atividade de estágio.

Para Lana de Souza Cavalcanti (2006, p. 27) “A compreensão mais ampla e crítica do ensino em geral e dos fundamentos teóricos e metodológicos da geografia escolar, realizada pela teoria didática, é um dos subsídios para a atuação docente consciente e autônoma”. Neste sentido, o período de estágio é o momento em que se busca a aproximação desta teoria aplicada ao processo de ensino/aprendizagem e também onde se adquire esta consciência e autonomia apropriando-se de novos conhecimentos e/ou práticas escolares no sentido de desenvolver a atividade de maneira positiva.

Para facilitar uma compreensão inicial dos alunos a respeito do território, vale a pena iniciar com a concepção de Souza et al Iná, Gomes e Corrêa (2014) que o concebe como um espaço delimitado onde haja relações de poder. Assim trazendo território para uma conceituação ligada a fronteiras como delimitação do mesmo, partindo desta concepção Silva e Silva (2012, p. 9) que diz

Neste sentido, o território é definido pelas relações de poder tecidas na existência de práticas sociais que fazem parte da vida dos alunos. A partir do espaço os atores sociais territorializam o espaço no momento que dele se apropriarem. Assim, a depender das diversas escalas, os atores sociais produzem territórios a partir de estratégias de seus interesses as quais comumente se chocam.

Mas uma vez percebemos a importância da escala para o melhor entendimento dos fenômenos espaciais, ao modo que as mesmas possibilitam partir da realidade do aluno para entender a dinâmica do espaço em escalas maiores.

4 OS ESTÁGIOS DE INSERÇÃO DO ACADÊMICO NO COTIDIANO ESCOLAR

4.1 OS ESTÁGIOS INVESTIGATIVOS

De acordo com o Plano Político Curricular, do Curso de Licenciatura da UFT, campus Cimba a disciplina de Estágio Investigativo I se baseará em: “pesquisar a ação pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem na educação básica, e a possibilidade de novas práticas educativas inseridas no cotidiano escolar, ”. (UFT, 2009, p. 62).

O Estágio Investigativo I é o primeiro contato obrigatório do acadêmico com a instituição de ensino da escola básica, assim iniciando sua trajetória no período prático da sua vida acadêmica, conhecendo e constatando a estrutura física bem como o funcionamento da escola-campo.

É um período em que o aluno não vai precisar intervir efetivamente no funcionamento do cotidiano escolar, pois suas investigações se dará em lugares específicos com questionamentos a alguns profissionais de educação da escola, o acadêmico se debruçará sobre o Projeto Político Pedagógico da escola, porque nesse vão estar presentes as informações básicas para o entendimento das concepções teóricas, pedagógicas e sociais em que a escola se baseia para desempenhar seu papel educacional.

Então podemos afirmar com base na experiência desse primeiro estágio que se torna se essencial importância para a inserção do acadêmico na unidade escolar, tornando cada estágio posterior uma complementação deste.

O Estágio Investigativo II vem a ser uma continuação do anterior, mas este inserirá o acadêmico em sala de aula, porque o mesmo terá que acompanhar algumas regências do professor de geografia na Unidade Concedente. Isso fica evidenciado no PPC do Curso de Licenciatura em Geografia quando o mesmo menciona que,

Pesquisa etnográfica: a escola enquanto resultado dos processos históricos-geográficos. Identificação das concepções de Geografia e seus reflexos em sala de aula. A Geografia e suas mediações com as diversas vertentes pedagógicas. Verificação da reprodução das correntes do pensamento geográfico e pedagógico, presentes na atuação docente, suas questões conceituais, bem como as hegemonias de umas sobre as demais. Elaboração de projetos de ensino de Geografia nos níveis fundamental (6º ao 9º ano) e médio, sob a forma de pesquisa participante: universidade – escola. (UFT, 2009, p. 67).

E isso irá resultar na elaboração de um projeto de intervenção escolar, também colaborando para que seja redigido um relatório final para avaliação do professor responsável pela disciplina de estágio.

O segundo estágio teve como meta a observação das regências da professora e na aplicação de um projeto de intervenção pedagógica. Toda ação tem um objetivo, mas para que esse objetivo seja alcançado tais ações têm que ser direcionadas. E nossas observações da regência da professora de geografia da Escola de Aplicação, eram direcionadas por uma série de perguntas. Que tinham como objetivos principais perceber as técnicas de repassar o conteúdo aos alunos, utilizadas pela professora, quais suas concepções pedagógicas, sua interação com os alunos, o domínio do conteúdo e as correntes do pensamento geográfico que norteavam suas aulas.

Em síntese, a observação das aulas foi pautada em compreender alguns dos fatores responsáveis pela qualidade do ensino na escola básica e deste modo, propor a intervenção no sentido de melhorar este processo. Além disso, nos capacitar como bons profissionais no futuro, inseridos na prática docente. Desta forma, o que observamos no processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista da relação professor x aluno, é que no geral ela se dá de forma tranquila. As abordagens da professora de geografia são fundadas em seus conhecimentos geográficos e sempre acompanhadas do livro didático. Observa-se ainda que existe o domínio das categorias geográficas para facilitar o aprendizado. Por fim, a professora se coloca de maneira respeitosa durante as aulas, o que facilita o seu melhor andamento.

Os alunos, com algumas exceções, estão sempre comprometidos no processo e procuram assimilar o que foi ensinado, fazem as atividades de classe, acompanham as leituras e cumprem o que lhes é pedido. Há um corrente problema, que é relacionado às faltas, fato que compromete o processo de ensino.

Com relação ao uso do livro didático, a professora faz uso frequente e além do livro, utiliza também os mapas geográficos para melhor compreensão. No geral, sua didática é boa, permite que os alunos compreendam os assuntos abordados de forma simples, baseando-se algumas vezes em fatos do cotidiano, ou seja, do dia-a-dia dos alunos para melhor absorverem as ideias apresentadas, pois se sabe que o livro didático traz o mesmo conteúdo para ser abordado em realidades distintas.

Nelsi Antonia Pabis (2012) nos evidencia a importância de pensar essa prática docente e a realidade socioespacial em que o aluno está inserido, em seu artigo *“Diagnóstico da realidade do aluno: desafio para o professor no momento do*

planejamento e da prática pedagógica”. A autora apresenta questionamentos sobre a realidade

[...] em que consiste a realidade e especificamente a realidade do aluno? Conhecemos a verdadeira realidade ou o que conhecemos é uma pseudo-realidade? Como se desvenda a autêntica realidade? Como os homens captam a realidade? Todos da mesma forma? Conseguimos captar a realidade como um todo ou a percebemos por parte? A realidade é algo estático ou mutável? A realidade pode ser modificada ou é o indivíduo que modifica o seu pensamento em relação a ela? Quais são os elementos que devem ser considerados num ensino que enfatize a realidade do aluno como ponto de partida da ação didática? (2012. p. 6)

O aproveitamento do tempo de aula é bom exceto no horário que antecede o intervalo, pois os alunos ficam dispersos e a aula é sempre interrompida para o lanche.

Do ponto de vista de infraestrutura física da escola, esta oferece espaço e materiais adequados para se praticar o ensino e dispõe de locais para aulas extraclases, como a biblioteca e o Laboratório de Informática (LABIN). Apenas as condições estéticas são um tanto quanto precárias, visto que as cadeiras, mesas e paredes se encontram rabiscadas e bastante danificadas.

4.1.1 Aplicação do projeto de intervenção pedagógica

Essas observações nos deram a “problemática” de qual seria o tema do nosso projeto de intervenção pedagógica, pois, inicialmente apresentamos a proposta, a professora, de um projeto que envolvia a cartografia, mas ela nos disse que tal conteúdo já havia sido trabalhado.

Diante disso, e devido à proximidade com o dia da consciência negra, a professora nos sugeriu que elaborássemos um projeto, envolvendo os 8º anos, sobre o continente africano. Coincidiu também que a unidade do livro didático que estava sendo trabalhada nessa série era o continente africano. Conversando com o professor de estágio investigativo II e a professora especialista em temas étnicos raciais, do curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Tocantins, chegamos a partir do tema geral, o continente africano, ao tema específico, a diáspora africana.

O projeto consistia em refazer o percurso dos negros saídos da África, trazido como escravos para o Brasil, fazendo uma contextualização dos primeiros processos de escravidão e demonstrando as condições de suas viagens e como eram tratados. Evidenciou-se em quais lugares, na África, eram capturados e para quais lugares eram levados. Colocaram-se em foco suas resistências e suas figuras emblemáticas e

representativas. Chegando por fim a duas figuras representativas, Martin Luther King, que lutou contra a segregação racial nos Estados Unidos da América, e Nelson Mandela, grande ativista que se opunha à *Apartheid*, na África do Sul. Isso tudo tinha objetivo de fazer um parâmetro e demonstrar que o racismo e o preconceito estão, ainda, muito presentes em nossa sociedade e dentro da própria escola também.

Aplicamos o projeto nas turmas de 8º ano, A e B. Primeiro passando a parte teórica do projeto aos alunos. Depois fazendo um questionário, para saber quanto eles tinham assimilado sobre o conteúdo. Por fim, no dia 20 de novembro, dia da consciência negra, em um evento no pátio da escola os alunos fizeram uma breve, mais simbólica, apresentação. Entravam em dupla, no palco, caracterizados com luvas pretas e brancas, para simbolizar que “todos somos iguais”, e proferiram frases emblemáticas dos personagens em questão, Martin Luther King e Nelson Mandela

Durante a execução do projeto, destaca-se alguns aspectos das aulas teóricas. Chamou-nos a atenção quando foi abordado no questionário, sobre quais personalidades brasileiras negras os alunos mais conheciam, os nomes mais citados foram os de jogadores de futebol, cantores de funk e atores da Rede Globo. A partir dessa constatação vemos a influência informativa que os meios comunicativos têm na vida destes alunos.

4.1.2 Resultados obtidos na aplicação do projeto de intervenção pedagógica

Na aplicação do projeto, ambas as turmas tiveram uma boa aceitação do tema e uma participação ativa em sua execução. Só quando foi apresentada a eles a proposta de que proferissem as frases no evento do dia da consciência negra, no pátio da escola, que alguns poucos alunos preferiram não participar desta parte específica do projeto. E respeitamos sua decisão, ao ponto que nenhum aluno foi coagido a participar da apresentação, no pátio, contra a sua vontade.

Nas respostas do questionário feito aos alunos, após a apresentação da parte teórica, constatamos que suas respostas estavam embasadas tanto no conteúdo que passamos a eles quanto em suas próprias vivências.

Vale salientar a maioria dos alunos são do setor periférico Costa Esmeralda e que pelo fato de ser um local com casas de um conjunto habitacional do governo com

um índice de violência relativamente alta, os alunos oriundos de lá sofrem preconceito. A tal ponto de se ouvir falas como “só de tu tá no Costa, tu já é fragrante”.

E o projeto tinha como objetivo “implícito”, e que em nossa opinião foi alcançado, que era o de mostrar que todos somos iguais. E que houve muita resistência, lutas e que apesar do preconceito ainda existir, muitas vitórias, em busca de uma sociedade igualitária, foram alcançadas.

5 A EFETIVA PRÁTICA DA DOCÊNCIA

5.1 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Os estágios de regência é o momento em que o discente vai se inserir efetivamente na prática docente, e de acordo com o Projeto Pedagógico Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína (UFT, 2009), em sua ementa diz que,

Assunção a docência no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Revisão da estrutura curricular, em especial dos conteúdos trabalhados no componente curricular de Geografia, junto ao sistema regular de ensino fundamental. Análise da perspectiva epistemológica do ensino de Geografia no ensino fundamental. Reflexões acerca da avaliação da aprendizagem. Planejamento e construção de planos de aula a partir de conteúdos abordados nas respectivas aulas de Geografia e ano escolar, sempre em consonância com a proposta curricular da escola-campo e ciência do (a) supervisor (a) de estágio e o professor (a) orientador (a) (. UFT, 2009, p. 73)

E como complemento ao Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental o curso de licenciatura se encaminha para sua última parte prática (Estágio Supervisionado no Ensino Médio) que está presente no PPC do Curso de Geografia com a seguinte ementa.

Assunção a docência no ensino médio. Levantamento da estrutura curricular, em especial dos conteúdos trabalhados no componente curricular de Geografia, junto ao sistema regular de ensino médio. Análise da perspectiva epistemológica do ensino de Geografia no ensino médio. Reflexões acerca da avaliação da aprendizagem. Planejamento e construção de planos de aula a partir de conteúdos abordados nas respectivas aulas de Geografia e ano escolar, sempre em consonância com a proposta curricular da escola-campo e ciência do (a) supervisor (a) de estágio e o professor (a) orientador (a). Elaboração de relatório científico de estágio. (UFT, 2009, p. 80)

Esses dois períodos de estágio são fundamentais para encaminhar o acadêmico para o exercício da profissão docente, pois o acadêmico terá a visão do caminho profissional ao qual o mesmo quer seguir, tendo experiência tanto da docência em sala de aula quanto dos procedimentos que a antecede.

Estágio supervisionado no ensino fundamental foram ministrados os temas: Trabalhando a geopolítica e o Continente Asiático, realizado em uma única turma, no 9º ano “b” no turno vespertino, o primeiro tema geral era a Geopolítica (apêndice 1), mas dividimos esse conteúdo em quatro subtemas (apêndice2) : *a) conceitos fundamentais; b) A geopolítica envolvendo a Síria; c) Coreia do Norte VS Estados Unidos da América; d) Estudando a Organização Mundial das Nações Unidas.* O segundo tema

geral era “*Os aspectos físicos do Continente asiático*” (apêndice 3), dividindo-o em: a) *Noções introdutórias a respeito do Continente asiático*; b) *Cordilheiras do Himalaia*; c) *Zonas climáticas que abrange à Ásia*

5.1.1 Ensino Fundamental – Da Geopolítica a Geografia Física

5.1.1.1 Primeira regência

No dia 24 de março foi iniciado o conteúdo de geopolítica, para apresentar esse conteúdo aos alunos, fez-se necessário apresentar alguns conceitos fundamentais, tais como: geopolítica, território e fronteiras. Usamos as Grandes Guerras Mundiais para contextualizar tais conceitos, ao modo que, objetivamos em mostrar como se deu a relação entre os países através das alianças militares, tais como: Tríplice Entente e Tríplice Aliança, na Primeira Guerra Mundial e Países do Eixo e Países Aliados na Segunda Guerra Mundial. Abordando os países que foram criados a partir do desmembramento do território de outros países.

Para abordar tal conteúdo, nesse dia especificamente, foi usada apresentação de slides e com o auxílio do mapa mundi, para que fossem espacializados e localizados geograficamente os países citados no conteúdo. Ao iniciar a aula trabalhou-se os conceitos, focando no de território, usando a definição de Souza (2000, p.78) “[...] o território é fundamentalmente um espaço delimitado e definido por e a partir de relações de poder [...]”. Após apresentado e explicado esse conceito lançamos a perguntar. “De acordo com o conceito apresentado, vocês podem nos dá algum exemplo de território?”.

Alguns alunos disseram que território era um local onde alguém tinha poder. Mas um aluno deu um exemplo muito bom. Ele disse, “onde eu estou sentado é meu território, porque, quando eu estou sentado aqui é eu que mando”. Isso foi muito bom porque foi de encontro com a escala territorial, que era o que ia ser exemplificado a seguir.

Usamos esta tela de slide para exemplificar que território não tem um limite/tamanho comum para todos os territórios. E que um território pode comportar vários territórios dentro de sua delimitação. Continuamos o conteúdo adentrando no conceito de fronteira no conceito de fronteira, que em nossa explicação ficou definido

como as linhas imaginárias que delimita um território de um país e que um dos objetivos da geopolítica, relações de poder entre os países, e proteger essas fronteiras e consequentemente seu território.

Os conceitos apresentados ficaram claros, ao contextualizarmos nas grandes guerras mundiais, espacializando e mostrando os territórios criados a partir das relações de poder presentes em tais guerras. Tais espacializações foram feitas no mapa mundi que foi levado para sala, bem como, em fragmentos do mapa mundi que representavam as localidades mundiais envolvidas nas Grandes Guerras.

5.1.1.2 Segunda regência - conflitos na Síria

No dia 26 de abril de 2018, continuamos o conteúdo referente a geopolítica, desta vez usando a Síria como recorte espacial, por ser um tema que está bastante evidente na mídia. Para abordar tal conteúdo, focamos nos motivos que fazem com que a Síria seja tão visada no contexto político-estratégico.

Primeiramente foi dito, como se iniciou os conflitos na Síria, bem como, em todo o Oriente Médio. Partindo de uma série de revoltas civis, as populações buscavam a democracia e a queda dos governos ditadores, que ficou conhecida como Primavera Árabe. E que devido essas revoltas grupos como os Curdos, maior povo no mundo que não tem um território próprio, e o Estado Islâmico viram a oportunidade de ganhar território e consequentemente poder dentro da Síria.

Depois foi explicado aos alunos a importância da posição geográfica da Síria em relação a logística do transporte do petróleo e do gás natural para a Europa e Estados Unidos da América (EUA). Mostrando no mapa mundi, o percurso feito por terra pelo petróleo e o gás natural, passando pelo território sírio através do gasoduto e o outro caminho possível, bem mais longo e oneroso, dando a volta no continente asiático, passando pelo canal de Suez através do Mar Vermelho.

Logo foi sanado sobre quais eram os interesses das grandes potências mundiais, EUA e Rússia, em apoiar os “rebeldes” e o governo ditador, respectivamente. Os EUA interessados, principalmente, em ter influência em mais um território dentro do Oriente Médio devido seu interesse pelo petróleo. E as Rússia interessadas em ter poder de negociação com os países europeus e os americanos veem na influência sobre o governo sírio a forma de alcançar este objetivo.

Como atividade a respeito deste conteúdo, a geopolítica envolvendo a Síria, pedimos aos alunos que produzissem um texto sobre o conteúdo explicado. E que eles fizessem uma associação com os conceitos explicados na aula anterior, território e fronteiras.

Ficamos satisfeitos com o resultado da atividade. Os alunos, em sua grande maioria, conseguiram produzir bons textos. E através desses resultados, percebemos que as nossas aulas sortiram resultados positivos. Pois, os discentes conseguiram relacionar os conceitos apresentados na aula anterior com a geopolítica envolvendo a Síria.

5.1.1.3 Terceira regência -Estados Unidos da América X Coreia do Norte

Na terceira regência, 03/05/2018, abordamos a geopolítica, tendo como foco principal as relações tênues entre a Coreia do Norte e Estados Unidos da América, ameaças que envolvem armamento bélico, mais precisamente, mísseis intercontinentais que estavam sendo testados pela Coreia do Norte.

Iniciamos falando sobre a Coreia do Norte, a respeito de ser um país aonde o poder é passado de pai para filho, que não há democracia, mais que apesar disso o que é exposto na mídia é que seu presidente ditador, Kim Jong-un e seus antepassados são idolatrados pela população norte coreana. E que apesar de querer se colocar como uma potência armamentista, tem um dos menores Produto Interno Bruto (PIB) mundiais e grande parte da sua população vive na extrema pobreza.

Iniciamos com uma abordagem histórica a respeito da criação das duas Coreias, enfatizando que o território coreano foi dividido em Coreia do Norte e Coreia do Sul no fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que a parte norte ficou em poder da Rússia e a porção sul controlada pelo EUA e que mesmo quando esses países recém-formados conseguiram suas autonomias eles continuaram sendo apoiados pelos países citados anteriormente.

Foi relatado, pelos estagiários alunos, que após a independência das Coreias elas entraram em guerra, momento que ficou conhecido como guerra da Coreia, as duas tendo o objetivo de se autoproclama a verdadeira Coreia. E que essa guerra foi um dos poucos e maior conflito, de fato, da Guerra Fria, pois, a Rússia apoiava a Coreia do Norte e os Estados Unidos da América apoiava a Coreia do Sul, ficando claro que essa antagonia entre Coreia do Norte e EUA começou nesse momento.

Relatamos que o grande receio dos EUA em relação a Coreia do Norte, era seus testes com mísseis de grande poder destrutivo, mas especialmente, que esses mísseis podem chegar ao território americano atravessando o oceano pacífico (mísseis intercontinentais) e transportar materiais químicos. E que essa foi a primeira vez que o os Estados Unidos da América viu uma ameaça de conflito geopolítico dentro do seu próprio país, pois, ele sempre entrava em conflito em territórios de outros países. Expomos que a fronteira entre as coreias é uma das zonas mais militarizadas do mundo e que na fronteira, do lado sul coreano, há presença de soldados americanos para garantir a “integridade” da fronteira.

Encerramos a explicação do conteúdo, fazendo um panorama de quais eram os motivos que faziam com que o EUA não invadisse a Coreia do Norte, já que, ele tem maior poder bélico. Resumimos esse receio, ao fato da Coreia do Norte ser apoiada pela Rússia e a China, países socialistas, que viam uma possível invasão do território norte coreanos, pelo EUA, como uma possível ameaça ao seu próprio território.

Os alunos tiveram uma boa participação na aula, pois, era um tema que estava constantemente na mídia. Perguntamos para eles o que eles sabiam sobre essas desavenças entre Coreia do Norte e EUA e suas respostas eram os fatos que era disseminado pela mídia. Por exemplo, que as desavenças entre os dois países era os testes com mísseis, feitos pela Coreia do Norte.

Como atividade para esse conteúdo selecionamos duas reportagens (apêndice 6), a primeira do jornal pernambucano, Jornal Commercio, que trazia em seu conteúdo a preocupação de vários países, principalmente a China, com os testes feitos pelos norte coreanos, lançando mísseis de grande poder destrutivo no mar do Japão, e a reação dos americanos a esses testes. Essa reportagem traz em si, que as tensões entre EUA e Coreia do Norte estavam tão acentuadas que as autoridades chinesas temiam que, até mesmo, uma palavra mal interpretada poderia iniciar uma guerra nuclear. A mesma reportagem também evidencia que a China, a principal apoiadora da Coreia do Norte, aplicou sanções, com o objetivo de que os norte coreanos voltassem atrás com seu programa nuclear.

A segunda reportagem do jornal El País, tinha um título emblemático, “O sim histórico” de Trump a Kim Jong-un, e trazia em seu conteúdo a aceitação de Donald Trump a se encontra com Kim Jong-un. Representando assim uma melhora considerável da relação entre EUA e Coreia do Norte, também evidenciando a importância da China a mediação desse encontro.

Evidenciamos qual era o interesse da China, na melhoria dos ânimos entre EUA e Coreia do Norte. Que o não interesse da China em uma guerra, tinha motivos que eram tanto da esfera militar, pois, os Estados Unidos da América é um dos países mais forte mundialmente e poderia causar uma grande destruição na Coreia do Norte e consequentemente seus países aliados. E o interesse econômico, a China é a segunda economia do mundo e o envolvimento dos americanos em uma guerra nuclear, poderia deixar a economia mundial um caos e a China seria uma das maiores prejudicadas.

Em síntese, o objetivo em trabalhar as reportagens era que os alunos fizessem um comparativo entre as duas e percebessem o quanto a geopolítica, relação entre os países, pode sofrer rápidas mudanças para atender os interesses das grandes potências. Como resultado desta atividade os alunos, produziram um texto relacionando as duas reportagens, sobre o que elas falavam.

Ficamos muito satisfeitos pois eles perceberam que na primeira reportagem estava falando de uma iminente guerra nuclear entre os EUA e Coreia do Norte e o segundo já relatava uma grande possibilidade de diálogo entre os mesmos.

5.1.1.4 Quarta regência - Organização das Nações Unidas

Na quarta regência, 08/05/2018, trabalhamos a Organização das Nações Unidas (ONU), inicialmente evidenciamos o contexto geopolítico que fez com que as grandes potências mundiais procurassem criar uma organização para manter a paz mundial. Antes da criação da ONU tentaram criar a Liga das Nações, que não se concretizou por falta de apoio de potências daquele período, principalmente os Estados Unidos.

Quando perguntamos aos alunos quais eram os objetivos da Organização das Nações Unidas, eles mostraram um conhecimento razoável a respeito desses objetivos, nos respondendo que ela ajudava a evitar guerras e em casos de catástrofes naturais, para isso um aluno deu o exemplo do terremoto que ocorreu no Haiti, em que a ONU mandou muitos de seus soldados e suprimentos para ajudar os desabrigados. Outro aluno falou da epidemia do vírus ebola que ocorreu em muitos países da África, dizendo que a ONU também mandou remédio e pessoas para ajudar a tratar os infectados pelo vírus.

Com esses relatos, percebemos que o conhecimento que eles tinham a respeito da Organização das Nações Unidas era o que é disseminado pela mídia, mas mesmo

assim é um conhecimento, e isso é muito importante. Daí coube a nós, estagiários, mostrar aos alunos como esse órgão internacional funciona, evidenciando que em nenhum momento ele foi/é neutro.

Mostramos, aos alunos, em uma apresentação de slide como funciona o Conselho de Segurança da ONU, órgão que aprova as resoluções que devem ser adotadas por todos os países membros. Explicamos que Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas é formado por 15 países, onde Estados Unidos, Rússia, França, Reino Unido e China, são membros permanentes, e os outros 10 membros são substituídos a cada dois anos. Evidenciamos para os alunos que o Brasil, Alemanha, Japão e Índia pleiteia fazer parte desse Conselho Permanente. Daí mostramos aos alunos o quanto não há neutralidade nessa organização, pois, para se aceitar novos membros permanentes teria que se aprovar normativas que possibilitasse isso, mas ao mesmo tempo significaria a perda de poder pelos atuais países membros e é por isso que eles não aprovam uma reforma no estatuto da Organização das Nações Unidas.

Evidenciamos que a entidade já mencionada foi criada para evitar conflitos a nível mundial, semelhante as Grandes Guerras Mundiais, e é por isso que ela não consegue evitar grande parte dos conflitos atuais, pois, os mesmos são conflitos internos, dentro das próprias nações ou envolvendo poucos países vizinhos. Relatamos que outros problemas dificultam a atuação da ONU, como, a falta de dinheiro, já que muitos países não contribuem financeiramente como deveriam contribuir e também a falta de treinamento adequado de suas tropas é um problema que a assola.

Como atividade, elaboramos cinco questões sobre o tema explicado, que tinham como objetivo observarmos se os alunos tinham assimilado a explicação do conteúdo. Ficamos satisfeitos com o resultado, porque, todos responderam corretamente a atividade e em um curto espaço de tempo, demonstrando que tivemos êxito em nossa explicação.

5.1.1.5 Quinta regência (Correção das atividades)

Na aula do dia 10/05/2018, fizemos as correções das atividades passadas nas aulas anteriores, e também aproveitamos para relembrar os conteúdos que já havíamos ministrado aos alunos. Ficamos muito satisfeitos, pois, os alunos demonstraram, através da conversa que tivemos com a turma, que conseguiram fixar bem o conteúdo,

pois conseguiram dialogar conosco a respeito do território e os conceitos trabalhados na aula, como o de fronteira e geopolítica, conseguindo relacionar os conceitos com o conteúdo sobre a Síria e o da Coreia do Norte X Estados Unidos. Com essa correção das atividades e conversa com os alunos sobre o conteúdo finalizamos o conteúdo Geopolítico.

O próximo conteúdo que iríamos trabalhar era os *aspectos físicos do continente asiático*. E a professora nos orientou que antes de entrarmos no conteúdo específico, seria interessante trabalharmos o mapa da Ásia com os alunos, para eles saberem informações básicas, como a área do continente, população, países que o compõem.

5.1.1.6 Sexta regência (identificando os países asiáticos)

Na sexta aula, 15/05/2018, nós trabalhamos o mapa do continente asiático, com a divisão dos países, mas sem identificá-los. Nosso objetivo era que eles pesquisassem e nomeassem quantos países conseguissem. Para isso levamos o mapa mundi para sala de aula, para que eles tentassem identificar os países.

Uma das primeiras problematizações que colocamos para eles era a respeito da Rússia, que ela abrange dois continentes, que a maior parte do seu território está localizado na Ásia, mas suas cidades mais prósperas estão em território europeu. Evidenciamos também seus países mais populosos, como a China e Índia, e que a Ásia apresenta países muito ricos e industrializados, como os já citados anteriormente, mas também apresenta países muito pobres e com nenhuma industrialização, ou seja, um continente de extremos.

Os alunos gostaram da atividade de identificar os países no mapa que entregamos a eles, todos participaram da atividade, indo até o mapa e competindo saudavelmente entre eles para ver quem conseguia identificar mais países. Eles conseguiram identificar facilmente países como Rússia, China, Cazaquistão, Índia e Indonésia devido a sua extensão territorial e também sua posição geográfica no mapa da Ásia. A grande maioria dos alunos conseguiu identificar mais de 40 países.

5.1.1.7 Sétima regência (Cordilheiras do Himalaia)

Na sétima regência, 17/05/2018, começamos a trabalhar os aspectos físicos da Ásia. Nessa aula especificamente trabalhamos o relevo e hidrografia, focando na cordilheira do Himalaia e os rios que tinham sua origem nela.

Para explicar esse conteúdo, preparamos uma apresentação de slide. Logo no início da mesma apresentamos uma tela com o mapa de relevo do continente asiático, para mostrar aos alunos em que tipo de feição geomorfológica está situada a Cordilheira do Himalaia. No mapa, mostra que a cordilheira do Himalaia está localizada no Tibet, e o mapa se tornou importante para localizarmos os alunos onde estava as outras feições geomorfológicas relevantes no continente asiático, como o planalto central siberiano, planalto da Sibéria Ocidental, planalto da Arábia, as grandes planícies da China, entre outros.

Falamos para eles o que era uma cordilheira, e qual era a extensão da Cordilheira do Himalaia. Foi falado que a mesma está situada no sudeste asiático, nos territórios da China – incluindo o Tibete – Índia, Paquistão, Butão e Nepal. Para ficar mais claro para os alunos, mostramos uma imagem que identificava os países onde a Cordilheira do Himalaia estava inserida.

Se tornou necessário falarmos como que se formou a Cordilheira do Himalaia. Falamos que a cordilheira surgiu da colisão do continente indo-australiano (a Austrália já fez parte da mesma massa continental indiana) com as placas tectônicas asiáticas, após a Índia se projetar para o norte e atingir a Ásia. Desta forma o continente indo-australiano foi pressionado para baixo do continente asiático. Dessa colisão se ergueram a cadeia de montanhas do Himalaia. Usamos uma imagem para mostrar tal processo, além de um vídeo da National Geograph, intitulado *Formação da Cordilheira do Himalaia*, que encontramos no Youtube, que resumia bem o processo de formação da Cordilheira do Himalaia.³

Perguntamos aos alunos qual o monte mais alto da Cordilheira do Himalaia. Alguns alunos nos responderam que era o monte Everest, que era a montanha mais alta do mundo. Apresentamos algumas informações como a sua altura (8.848), que ele é uma divisa natural entre China e Nepal e que era gelado devido a sua altura. Isso veio ao encontro do que nós íamos explicar, pois, os rios que se originam na Cordilheira do Himalaia são resultantes do degelo em seus picos nevados, e para isso apresentamos

³ <https://www.youtube.com/watch?v=19s4X9ZMWZU>

uma imagem bem didática para mostrar que quanto maior a altura mais fria fica a atmosfera.

Finalizamos a aula falando do Rio Indu e Rio Ganges, que se originam do degelo nos picos dos montes da Cordilheira do Himalaia, demonstrando em quais países eles passavam e quais as suas respectivas importâncias econômica, social e cultural nesses países. Utilizamos alguns mapas que encontramos na internet para mostrar aos alunos o percurso de cada rio.

5.1.1.8 Oitava regência (Clima e Vegetação).

Na oitava regência, 22/05/2018, continuamos o tema, aspecto físico da Ásia, desta vez focou-se no clima e na vegetação. Para apresentarmos esses aspectos, organizamos uma apresentação de slide que mesclava a zona climática e a vegetação que predomina nessas zonas.

Primeiramente usamos uma imagem do globo terrestre que apresentava todas as zonas climáticas, isso foi essencial para os alunos terem conhecimento de quantas e quais as zonas climáticas e o que define o clima de cada uma, partindo disso, explicamos a influência do eixo de inclinação da Terra na definição dessas zonas climáticas, ligado diretamente com a incidência dos raios solares em cada zona climática.

Começamos falando do clima polar, que ocorre nas extremidades do globo terrestre, em altas latitudes. Tem como características as baixas temperaturas o ano todo, variando entre 10°C no verão e -35°C no inverno, tendo a ocorrência de precipitações em forma de neve. E como resultado deste clima extremo apresenta uma vegetação bastante peculiar, a tundra que é uma vegetação temporária, já que na maior parte do ano o solo está encoberto pelo gelo. Mostramos na imagem de um globo onde que essas características climáticas e vegetais eram encontradas na Ásia, e nesse caso, a localidade em questão correspondia a Rússia.

Logo em seguida apresentamos a zona climática temperada, que é a região que fica entre os trópicos e os círculos polares, tanto no hemisfério Norte, como no hemisfério Sul. Desmistificamos aos alunos que essa região costuma apresentar temperaturas bastante amenas, com uma grande amplitude térmica anual e que também as estações do ano são bem definidas, apresentando verões quentes e invernos frios. Explicamos que essa zona climática apresenta uma vegetação diversificada com

predominância de árvores. Porém, há também presença, em menor quantidade, de arbustos, musgos e ervas. Mostramos também que as florestas de coníferas e bosques com árvores caducifólias são as formações vegetais mais comuns nas florestas temperadas.

Em seguida falamos do clima desértico, que é predominante na Ásia Central. Foi dito o que é clima desértico, o calor com médias de 30°C de temperatura como a principal característica. As chuvas são escassas, quase insignificantes, podendo haver anos em que não chegam a ocorrer. E que as altas temperaturas ocorrem durante o dia, mas podem ser baixíssimas durante a noite.

A vegetação de clima desértico, de acordo com o que falamos para eles, sofre suas adaptações devido à precariedade de chuva e ao calor com as altas temperaturas e que uma das características aparentes dessa região são as raízes subterrâneas das plantas e caules que acumulam água para a sua sobrevivência. E que devido isso, a planta diminui a evaporação, armazenando uma quantidade maior de água, preservando suas folhas e garantindo a respiração por meio da fotossíntese. Dissemos que a vegetação do deserto é composta por plantas cactáceas e herbáceas, com pequenos arbustos e cactos (xerófitas) e pratófitas (plantas com raízes longas).

O outro clima que abordamos foi o clima equatorial, que se caracteriza próximo a Linha do Equador, e que na Ásia esse clima é característico de países do sudeste asiático, como a Indonésia, Camboja, Vietnã, entre outros. E que a vegetação de clima equatorial se dá com florestas de grandes árvores, semelhantes às da floresta amazônica. Isso devido à grande incidência de raios solares nessa faixa do globo que faz com que haja muita evaporação, tendo como resultado altas temperaturas e muita chuva o ano inteiro, ou seja, não tendo as estações bem definidas.

Infelizmente nessa aula não conseguimos vencer todo o conteúdo que tínhamos preparado, de modo, que foi necessário terminamos o conteúdo na aula seguinte. Falamos aos alunos que íamos terminar o conteúdo na outra aula e que traríamos um vídeo para assistir na sala. Todos ficaram ansiosos, perguntando sobre o que era o vídeo, mas nós dissemos a eles que seria surpresa e que nenhum poderia faltar na próxima aula.

5.1.1.9 Nona regência (Estudando as monções)

Na nona aula, 24/05/2018, continuamos o conteúdo da aula anterior, trazendo para nossa abordagem um clima exclusivo do continente asiático, as monções. Explicamos esse clima peculiar se dá devido que no inverno a atmosfera do continente é mais densa do que a que está sobre o mar, então a massa de ar fria se desloca para o oceano, ocasionando as precipitações sobre o mesmo quando as massas de ar fria, do continente, se encontra com a massa de ar quente, do oceano. E continuamos explicando que no verão o inverso acontece, o continente está mais quente do que o oceano então a massa de ar fria se choca com a massa de ar quente sobre o continente, ocasionando a precipitação sobre ele.

Foi relatado que as monções ocorrem por um período de três meses, e nesse intervalo de tempo, chove ao equivalente a 3000 milímetros, ocasionando transtornos para os moradores de países como o Camboja, Vietnã e Índia, pois, suas casas e seu modo de vida são afetados pelas inundações e enchentes que ocorrem nesse período. O principal alimento na Ásia é o arroz e deixamos claro para eles que essa é um tipo de cultura que prospera muito bem em regiões muito molhadas, então, o arroz é muito cultivado no período das monções.

Ao terminar de explicar o conteúdo, a respeito do clima e vegetação da Ásia, passamos uma atividade de oito questões. Atividade que exigia que os alunos relembassem o que havia sido trabalhado nas três últimas aulas. Os alunos conseguiram respondê-la sem dificuldades e com rapidez. E nós, os estagiários, os auxiliamos quando tinham dúvidas.

5.1.1.10 Décima regência (Se ambientando aos contratempos do cotidiano escolar)

A décima aula, 29/05/2018, foi utilizada pela professora regente da escola para que os alunos apresentassem seminários a respeito dos países que iriam participar da copa do mundo. Foram montados cinco grupos, cada grupo escolhia um país de um continente para apresentar seus aspectos culturais, políticos e econômicos e quantas vezes o país escolhido pelo grupo tinha participado da copa. Os países escolhidos foram, Argentina, do continente americano, Egito, da África, Alemanha e França, países europeus e do continente asiático foi escolhido o Japão. Algumas apresentações foram bem sucintas, os alunos só liam o que estavam no slide. Mas teve um aluno que apresentou sozinho, o país que ele escolheu foi o Egito, ficamos surpresos o quanto ele

tinha o domínio das informações sobre esse país, fazendo uma contextualização histórica da cultura egípcia e abordando sua importância em vários campos da ciência, como na medicina, por exemplo.

O que nos surpreendeu nessa apresentação foi o fato do aluno mostrar um grande interesse na pesquisa, pois, pela sua apresentação ficou evidente que ele estudou a fundo o tema proposto para seu seminário. E durante as nossas aulas anteriores ele sempre mostrou ser bastante inteligente mais desinteressado em fazer o que lhe era proposto, levando sempre na brincadeira. E nesse dia sua postura séria, comprometida com a apresentação, nos surpreendeu.

A apresentação dele durou mais de 30 minutos e como só havia apresentado três grupos e devido já estava na iminência de tocar o sinal a professora falou para os grupos irem preparados para apresentar na segunda-feira, pois, ela ia pedir para uma colega lhe ceder uma aula, nesse dia, para que os alunos terminassem as apresentações. As aulas de geografia nessa turma eram na terça-feira e na quinta-feira, mas devido programações nacionais, como a aplicação da prova da Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), se tornou necessário utilizar aula de outra professora para término das apresentações.

5.1.1.11 Décima primeira regência (Continuando as apresentações)

Na décima primeira aula, 04/06/2018, foi uma aula cedida pela professora de português, para que os alunos terminassem as apresentações. Nesse dia era para três grupos terem apresentado, mas o grupo que ia falar sobre a Alemanha teve um contratempo que não o permitiu apresentar, pois, a apresentação de PowerPoint que tinham feito estava no pendrive como atalho, e não pode ser aberta para que o grupo apresentasse. Esse mesmo grupo ia falar sobre a Alemanha e tinha trazido uma comida de origem alemã, o hambúrguer. A maioria dos alunos ficaram surpresos, pois, todos achavam que o hambúrguer tivesse origem nos Estados Unidos da América (EUA), porque, é isso que a mídia propaga, vinculando o hambúrguer sempre aos EUA.

As apresentações dessa aula foram bem pobres ao se tratar da pesquisa que os grupos fizeram. A maioria dos alunos que foram apresentar levaram um pedaço de papel que tinha escrito o que eles iam falar, o que resultou em uma roda de leitura e não propriamente em apresentação de seminário.

5.1.1.12 Décima segunda regência (Prova da OBMEP)

A nossa décima segunda aula, 05/06/2018, foi a aplicação da prova da OBMEP. Na realidade participamos de três aulas nesse dia, pois, a prova iria ser aplicada nas três primeiras aulas, e o professor que tivesse a primeira aula nesse dia iria ficar com a turma até o término da prova.

Vale ressaltar que a prova era para ter se iniciado as 13 horas, mas devido uma paralisação dos motoristas do estado grande parte dos alunos da escola, que depende do transporte escolar para ir as aulas, não foram a aula nesse dia. E devido isso a prova só se iniciou as 14 horas.

Nossa função nesse dia, foi de observar os alunos para que eles não colassem um do outro. Mas não tivemos nenhuma ocorrência, pois, nossa presença na sala os inibiram de tentar colar. Só teve um momento que alguns alunos começaram a conversar no fundo da sala, quando nos aproximamos onde eles estavam, todos ficaram sérios e focaram em suas provas.

Nesse dia não ficamos sozinhos na sala com os alunos, como a primeira aula era da professora de física e a aula de geografia era a segunda, ficamos na sala juntamente com ela até o término da prova, as 15h30min, no fim da terceira aula.

5.1.2 Estágio Supervisionado no Ensino Médio: aspectos naturais do Brasil

O Estágio Supervisionado no Ensino Médio IV foi executado em duas turmas, 1º ano “A” matutino e 1º ano “B” vespertino, seis regências em cada sala, como os conteúdos eram os mesmos foi decidido, para não se tornar uma leitura enfadonha, resumir o tema trabalhado em ambas as turmas e fazer observações, quando necessário, a respeito de cada turma individualmente.

5.1.2.1 Primeira regência (Massas de ar que atuam no Brasil)

Para iniciar o conteúdo *os aspectos naturais do Brasil* (apêndice 4), abordamos na primeira aula *as massas de ar que atuam no Brasil* (apêndice 5), tínhamos o objetivo de mostrar como esse fenômeno vai influenciar nos aspectos climáticos nacional.

Primeiramente conceituamos o que era massas de ar, *porção do ar atmosférico que tem temperatura e umidade relativamente igual em toda sua extensão.*

Conceituamos também umidade como, *quantidade de gotículas de água presentes no ar.* No livro de geografia, adotado pela instituição de ensino (BOGILIAN, 2016, p. 126 e 127) abordava esse conteúdo, com um quadro contendo o mapa da América do Sul e nele era representado um esquema de setas que indicavam quais eram as movimentações das massas tanto no inverno quanto no verão. Também foi abordado como essas movimentações vão influenciar no clima do Estado do Tocantins.

Foi feito o desenho do globo terrestre no quadro que representava a dinâmica dos ventos, que devido o movimento de rotação do Planeta Terra se encaminhavam sempre da Linha do Equador, para os polos e que porções destes ventos se estacionavam em locais específicos e tendiam a absorver as características (temperatura e umidade) das áreas onde estavam estacionados ou seja as zonas climáticas em que se encontravam. Se tornou necessário falar também dos critérios considerados para a classificação das massas de ar em úmida ou seca e fria ou quente.

Exemplificamos dizendo que massas de ar formadas sobre desertos quentes, tendiam ser seca e quente e as que se formavam acima da Floresta Amazônica era úmida por causa da evaporação e quente por estar próxima a Linha do Equador. Falamos também como essas massas de ar influenciavam no clima tocantinense, fazendo com que o mesmo, como o de toda a região Norte do Brasil, apresentasse características de um inverno seco/quente e um verão chuvoso/quente

Observação 1 - Turma do 1º ano “A” é composta por 35 alunos, tínhamos avisado durante as observações que iria ser necessário trazer os livros em todas as nossas aulas, porém apenas 7 alunos estavam com o livro em mãos. A classe do 1º ano “B” é formada por 28 alunos, a grande maioria tinha trazido o livro.

Observação 2 – Os alunos do período matutino são mais elétricos e mais participativos que os do período vespertino. Isso ficou claro quando um estudante da turma “A” perguntou por qual motivo o Nordeste era seco. Nesse momento o sinal tocou, então dissemos que tiraríamos essa dúvida na próxima aula.,

5.1.2.2 Segunda regência (Revisão e Atividade)

Na segunda regência fizemos uma breve revisão do conteúdo trabalhado na aula anterior, primeiramente trabalhando o conceito. Logo depois fizemos novamente o desenho do globo terrestre no quadro para explicar como era a dinâmica dos ventos e como eles se deslocavam em direção aos polos, devido ao movimento de rotação do Planeta Terra, estacionando se em regiões específicas por influência da gravidade e do próprio relevo.

Revisamos também quais os critérios levados em consideração para classificar uma massa de ar em fria ou quente e úmida ou seca. E quais quesitos eram considerados para nomeá-las. Após essa retificação, revelamos aos alunos que íamos passar para eles uma atividade (apêndice 7) de cinco questões com o objetivo de fixar o conteúdo.

Escrevemos a atividade, no total de cinco questões, na lousa e estipulamos dez minutos para eles copiarem. Explicamos questão por questão para deixar claro para eles como que queríamos as respostas. Falamos também que iríamos dá o visto na aula subsequente.

Observação 1 – A professora da Unidade Concedente sempre nos acompanhava em sala de aula, mas não intervia em nossas regências.

Observação 2 – Na turma matutina, quando foi falado que seria passado atividade a turma reclamou, como de costume. Mas uma aluna foi mais incisiva, perguntando a professora titular da disciplina se nos estagiários tínhamos autoridade para passar atividades à turma. A professora, prontamente, disse a ela e a turma que tínhamos total autoridade para proceder como se fosse ela mesma dando aula.

Observação 3 – Na turma da tarde os alunos também reclamaram da atividade, mas nenhum aluno questionou nossa autoridade como professor como havia acontecido na turma da manhã.

5.1.2.3 Terceira regência (Visto , correção das atividades e a abordagem das peculiaridades do clima do nordeste brasileiro)

Na segunda aula tinha sido passado uma atividade que abordava o conteúdo trabalhado, *as massas de ar que atuam no Brasil*, e devido isso se tornou necessário dar o visto nos cadernos para anotarmos os nomes de quem tinha feito os exercícios, que objetivava principalmente a fixação do conteúdo.

Ao terminar a correção da atividade passou a ser trabalhado um conteúdo que serviria para sanar a dúvida que um aluno (1º “a” matutino) tinha levantado na primeira aula, *por que o nordeste era seco?* Começou-se falando que o Nordeste não é completamente seco, pois seu litoral é bastante chuvoso, principalmente, por influência da massa de ar Atlântica Tropical.

Para representar o funcionamento do clima do Nordeste e como o relevo vai influenciar na sua dinâmica fizemos um desenho que mostra o litoral e o interior nordestino e entre eles o Planalto da Borborema. Demonstramos como o ar úmido vindo do mar é barrado pelo planalto já mencionado. E esse ar carregado de gotículas de água fica mais denso e pesado e não consegue transpor essa barreira natural.

Evidenciamos que ao se acumular, devido ao planalto, esse ar carregado de umidade se condensa, transforma-se em água, e precipita-se (chove), deixando o clima daquela área chuvoso e úmido. Após isso o ar fica mais leve com pouca quantidade de gotículas de água e consegue passar por cima do Planalto da Borborema e por isso a quantidade de chuvas no interior nordestino é bem menor ao se comparar a do litoral.

Observação 1 – Na turma “A” no momento em que os cadernos estavam sendo vistados percebeu-se que as respostas de todos os alunos estavam incompletas e iguais. Ao serem questionados por qual motivo as respostas estavam iguais, alguns alunos disseram rindo que tinham feito um grupo de estudos. Então foi dito a eles que um grupo de estudos era importante para se discutir a respeito das questões e não para ficar passando as respostas uns para os outros.

Observação 2 – Os alunos da turma “A” eram mais participativos, foi possível tornar a correção, da atividade, mais dinâmica pois eles liam as perguntas e alguns também liam suas respostas.

Observação 3 – As atividades da turma B (da tarde) também estavam incompletas, porém não estavam todas iguais como as da classe do período matutino, ou seja, mesmo com respostas erradas ou incompletas eles tentaram responder por si mesmos.

Observação 4 – A Turma do 1º ano “B” é bem menos participativa, quando pedimos para alguém ler as questões, alguns poucos se manifestaram para fazer isso e mesmo os que leram as questões não quiseram falar suas respostas.

Observação 5 – Ambas as turmas, quando foi perguntado sobre *quais os problemas havia no Nordeste*, responderam que era a seca, partindo disso foi dito a eles que a seca não era o problema principal e que era usado pela mídia para esconder os problemas sociais, por falta de políticas públicas, que realmente assolam a região em questão.

5.1.2.4 Quarta regência (Seminários e a abordagem/diferenciação entre evaporação, evapotranspiração e transpiração)

Na quarta aula como ainda tínhamos que abordar o conteúdo domínios morfoclimáticos e em uma das três aulas que ainda daríamos seria a aplicação de provas da semana de avaliação na escola, decidimos passar o conteúdo, já citado, em forma de seminários, de modo que se formassem seis grupos e cada grupo iria ficar responsável por apresentar sobre um domínio.

Os alunos ficaram cientes que o seminário poderia ser baseado somente no livro e não seria necessária apresentação de slides, pois eles estavam na semana de provas e não seria necessária uma apresentação muito elaborada porque poderia exigir muito tempo deles e prejudicar nos estudos para a avaliação. Foi deixado claro que as notas das apresentações seriam de 0 a 2 pontos e a data das apresentações seriam na aula seguinte.

Após a divisão explicamos aos alunos um processo natural, que influenciava diretamente nas características da massa de ar Equatorial Continental, a evapotranspiração. No livro de geografia da turma tinha um conceito de evapotranspiração, mas tal definição generalizava, dizendo que esse processo ocorria em superfícies aquáticas, solos e plantas.

Definiu-se o que é evapotranspiração “*perda de água na forma de vapor pelas folhagens das plantas*”, logo depois dissemos que transpiração *era a perda de água, em forma de vapor, dos corpos dos seres vivos (animais)* e finalmente evaporação que *era a transformação da água em vapor, mas oriunda de superfícies aquáticas e da superfície dos continentes*. Foi explanado aos alunos que esses processos ocorrem devido ao aumento da temperatura, principalmente pela a radiação solar que aquece (quando está presente) e resfria (quando está ausente) a terra. Elaborou-se um desenho no quadro que representava a cena de um terreno sem vegetação, um que representava um lago e outro mostrando uma floresta e evidenciamos qual processo ocorria em cada cena.

Observação 1 – Na turma do 1º ano “A” a professora titular da sala estava ausente da escola, pois a mesma tinha ido fazer uma capacitação na DREA, devido isso, uma docente do curso de matemática nos acompanhou em sala.

Observação 2 – Quando foi dito a turma matutina que ia ser passado um seminário, eles reclamaram, principalmente quando ficaram sabendo quanto valeria, achando que era muita pouca nota. Alguns alunos usaram o argumento de que estavam em semana de provas.

Observação 3 – na turma da manhã alguns alunos queriam colocar mais integrantes do que havia sido combinado em um grupo, nesse momento foi falado a eles que a quantidade de no máximo cinco alunos já tinham sido pensados para que todos os temas ficassem com grupos de quantidade de discentes iguais.

Observação 4 – Os alunos da turma do período vespertino, ao saberem da apresentação dos seminários e da quantidade de integrantes por grupos, montaram as equipes sem precisar da intervenção dos estagiários.

5.1.2.5 Quinta regência (O plano b)

Como havia sido passado o seminário para ambas a turma, foi preparado uma atividade contendo dez questões sobre o tema dos seminários, a fim de ter um plano “b”, ou seja, uma segunda proposição, no caso de os grupos não se prepararem para as apresentações dos temas propostos. Então foi anunciado que seria passado uma atividade no quadro para copiarem e responderem em substituição aos seminários, mas valendo meio ponto a menos (1,5).

A atividade tinha 10 questões (apêndice 8) que objetivavam abordar especificamente o conteúdo Domínios Morfoclimáticos, que seria abordado nos seminários. As questões tinham uma complexidade média, exigindo que os alunos lessem e localizassem as respostas e em algumas questões era necessário eles interpretarem.

As questões foram escritas no quadro para que os alunos as escrevessem no caderno em uma folha que pudesse ser destacada, pois eles teriam que entregar a atividade. Após copiarem as questões foram explicadas uma por uma e também foi dito que não seria aceito respostas iguais como as da atividade anterior.

Observação 1 – Na turma “A” os alunos reclamaram bastante, dizendo que a atividade era muito grande e difícil e que eles estavam em semana de prova, devido isso foi permitido que fizessem a mesma em dupla.

Observação 2 – Sobre o resultado da atividade na turma matutina, a maioria dos alunos tiraram nota boa, mas alguns poucos não responderam todas as questões ou as deixaram incompletas. O curioso é que nessa turma os alunos que menos prestava atenção foram os que fizeram uma das melhores respostas.

Observação 3 – Na turma “B” no geral foi muito bem, foi usado o mesmo critério usado na turma “A” e foi permitido que eles fizessem a atividade em dupla.

Observação 4 – Em ambas as turmas houve inicialmente reclamações pelo motivo da atividade ter um valor reduzido em comparação com seminário.

Observação 5 – Foi permitido que os alunos, tanto da turma “A” quanto da turma “B” entregassem a atividade na outra aula.

5.1.2.6 Sexta regência (Semana de Provas)

O Colégio de Aplicação em todo semestre tem uma semana específica para a aplicação de provas em todas as disciplinas. Funciona da seguinte forma, as três primeiras aulas são normais são para a aplicação das provas e após o intervalo é aula normal. A regência consistiu em observar e auxiliar o professor responsável pela aplicação da prova, assim permanecemos na sala durante todo o tempo da aula

Observação 1 – A turma “A” observamos na sala, que havia um “grupo de cola” formado no fundo da sala. Então um estagiário se posicionou em pé no final da sala e o outro em frente o quadro. Mesmo com nossa presença, alguns alunos ainda insistiam em colar, usando a desculpa de pedir borracha emprestada

Observação 2 – Ainda na turma “A” para tentarmos evitar a conversa, entre alguns alunos, no fundo da sala um dos estagiários se sentou no meio do grupinho que estavam conversando. Percebemos que eles ficaram desconfiados e alguns deles rapidamente entregaram a prova.

Observação 3 – A turma “B” é relativamente pequena e durante a prova se manteve comportada em sala.

Observação 4 – A respeito das atividades os alunos entregaram na hora do intervalo após a aplicação da prova.

Observação 5 – Sobre o resultado da atividade na turma matutina, a maioria dos alunos tiraram nota boa, mas alguns poucos não responderam todas as questões ou as deixaram incompletas. O curioso é que nessa turma os alunos que menos prestava atenção foram os que fizeram uma das melhores respostas.

Observação 6 – A turma “B” no geral foi muito bem, foi usado o mesmo critério usado na turma “A” e foi permitido que eles fizessem a atividade (anexo 1) em dupla.

5.2 RELAÇÃO COM A BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM.

A geografia está norteada por cinco categorias principais, o ensino dessa ciência tem que está entrelaçado com essas categorias e a BNCC traz essa importância explícita em suas considerações. BNCC (BRASIL, 2018, p. 361) “Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza e paisagem.

Ao se abordar em um Trabalho de Conclusão de Curso, as experiências dos estágios do Curso de Licenciatura em Geografia algumas dessas categorias se fazem presentes durante os estágios de regências ao se trabalhar temáticas específicas. No terceiro estágio foi trabalhado o conteúdo de geopolítica, e tal tema está presente na BNCC.

[...] no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências. Por conta do estudo do papel da Europa na dinâmica econômica e política, é necessário abordar a visão de mundo do ponto de vista do Ocidente, especialmente dos países europeus, desde a expansão marítima e comercial, consolidando o Sistema Colonial em diferentes regiões do mundo. É igualmente importante abordar outros pontos de vista, seja o dos países asiáticos na sua relação com o Ocidente, seja o dos colonizados, com destaque para o papel econômico e cultural da China, do Japão, da Índia e do Oriente Médio. Entender a dimensão sociocultural e geopolítica da Eurásia na formação e constituição do Estado Moderno e nas disputas territoriais possibilita uma aprendizagem com ênfase no processo geo-histórico, ampliando e aprofundando as análises geopolíticas, por meio das situações geográficas que contextualizam os temas da geografia regional. (BRASIL – MEC – BNCC, 2018, p. 383)

Ao trabalhar a geopolítica traz se explicitamente ao bojo das nossas considerações a análise da categoria território que se transforma de acordo com a

dinâmica do Espaço Geográfico Mundial, e a Base Nacional Comum Curricular nos evidencia que

Para tanto, é preciso que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre o uso do espaço em diferentes situações geográficas regidas por normas e leis historicamente instituídas, compreendendo a transformação do espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, (BRASIL, 2018, p. 381)

Nessa perspectiva de surgimento de territórios também vem à tona a ideia de regionalização que estão ligadas a formação de blocos econômicos, que visam criar e/ou proteger territórios e esses territórios geralmente têm importantes regiões produtoras que fornecem recursos para a economia mundial, estando inseridas na divisão internacional do trabalho. E entendemos que tal tema vai diretamente ao encontro da competência específica 3 da Base Nacional Curricular Comum, do Ensino fundamental ao propor que

Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico- - informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo. MEC – BNCC, 2018, p. 357)

Ao tratarmos do Ensino Médio percebe-se que os conteúdos programáticos são uma repetição dos conteúdos do ensino fundamental, mas de uma forma mais complexa que exige dos alunos uma reflexão mais aprofundada, fazendo uma intercalação entre os conceitos já apreendidos de maneira que sejam capazes de observá-los na sociedade contemporânea.

[...] espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL – MEC – BNCC, P. 561)

No 1º ano do Ensino Médio se trabalha os aspectos naturais do Brasil, como vão influenciar na vida humana e como estão compostas suas dinâmicas de clima, relevo e vegetação. E a Base Nacional Curricular Comum nos norteia ao inferir que

Propõe-se analisar os paradigmas que refletem pensamentos e saberes de diferentes grupos, povos e sociedades (incluindo-se os indígenas, quilombolas e demais povos e populações tradicionais), levando em consideração suas formas de apropriação da natureza, extração, transformação e comercialização de recursos naturais, suas formas de organização social e política, as relações de trabalho, os significados da produção de sua cultura material e imaterial e suas linguagens. (BRASIL, 2018, p.. 574)

Assim, percebe-se a necessidade de interligar os conteúdos com a realidade local do aluno, porém de uma forma que ele seja capaz de perceber esse mesmo fenômeno em escala maior.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é o momento em que o acadêmico terá a real ideia, através das suas ações na Unidade Concedente, do caminho que ele está querendo seguir profissionalmente, ao modo que é nesse período que será apresentado a ele o cotidiano prático da unidade escolar, possibilitando que seja observado e aplicado o que foi apreendido em sala de aula na universidade.

O trabalho apresentado teve o intuito de trazer a trajetória do acadêmico durante o período dos quatro estágios do curso de geografia da Universidade Federal do Tocantins no Colégio de Aplicação, evidenciando suas experiências, as práticas que deram certo e as plausíveis de reflexões por parte dos acadêmicos que serão futuros estagiários, porque, o relato das regências possibilita essas reflexões.

Para possibilitar o melhor entendimento, do presente trabalho, ao leitor, foi feita uma revisão bibliográfica para o embasamento teórico sobre as práticas pedagógicas para trazê-las ao arcabouço das discussões das ações realizadas durante o estágio, fazendo também a identificação das categorias geográficas que estiveram presentes nos conteúdos trabalhados na escola e por fim o relato das regências.

Esta produção traz as experiências de estágio, se tornando importante por nos fazer refletir do que realmente são as práticas de estágio do curso de geografia, de modo que possibilita que os professores reflitam sobre as atuais estratégias usadas na condução das disciplinas de estágio da Universidade Federal do Tocantins e possibilitar que os futuros estagiários se familiarizem com o mesmo e pense em suas futuras ações no estágio.

Para conseguirmos desempenhar nossas funções em cada estágio foi preciso elaborarmos os conteúdos e nos articular a respeito da forma que íamos ministrar os mesmos para os alunos, nos revezávamos em um explicar o conteúdo e o outro complementando/corrigindo em algumas falhas, fazendo com que as explicações ficassem claras e sem lacunas inexplicadas a respeito do conteúdo.

Para o autor deste trabalho, o estágio foi o momento em que foi colocado a prova se realmente era essa a profissão que queria seguir, pois o mesmo trouxe a amostra da rotina que a carreira de professor exigir do profissional.

Por serem pontos chave do curso de licenciatura, em nossa visão, se torna necessário uma reflexão a respeito da carga horária das disciplinas de estágios, de modo que o que seja colocado em pauta não seja a quantidade de regências e sim a quantidade

de conteúdo, por que muitas vezes a quantidade de regência faz com que, geralmente, o último conteúdo fique incompleto. E devido isso, o curso de licenciatura de geografia deveria ter seus estágios de regência baseados em números de conteúdo e não em quantidade de regências.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem. ADAS, Sérgio. **Expedições Geográficas**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015. 290 p.
- BEZZI, Meri Lourdes. **Uma (Re)visão Historiográfica - da Gênese aos Novos Paradigmas**. Santa Maria: UFMS, 2004. 291 p.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia global: Esboço metodológico. **RA E GA**, Curitiba, v. 8, n. 37, p.141-152, nov. 2004.
- BOGILIAN, Levon. **Geografia: Espaço e Vivência**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. 298 p.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> > Acessado em 13 de junho de 2019.
- BRASIL. Constituição (2007). **Portaria Normativa Ministerial** nº 17, de 24 de abril de 2007. Brasília; MEC. 2017. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf > Acessado em 12 de junho de 2019.
- BRASIL. Plano Político Curricular – Geografia – Universidade Federal do Tocantins – Araguaína. 2009.
- BRASIL. **Secretaria Nacional da Educação**. Parâmetros Curriculares Nacionais. 1998.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino da geografia e a nova realidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.67-72, maio, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de Souza et al (Org). **Formação de Professores: Concepções e práticas em geografia**. Goiânia: Vieira, 2006. 152 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA. Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. ed. 2, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 352 p. Cap. 1.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 352 p. Cap. 2.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. ed. 1. São Paulo: Cortez, 1992. 261 p .

LUGLE, Andreia Maria Cavaminami; MAGALHÃES, Cassiana. O papel do estágio na formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental. **Pro-docência**: revista eletrônica das licenciaturas/UEL, Londrina, p.119-128, 2013.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara; LIMA, Zuleide Maria Carvalho. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, n. 2, p.159-177, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Erilmar Dias; CAMPOS, Maria Alcicleide Ferreira. Análise do ensino de geografia no ensino fundamental no município de Portalegre - RN. **Geo Temas**, Pau dos Ferros, p.101-117, 2011.

PABIS, Nelsi Antonia. Diagnóstico da realidade do aluno: desafio para o professor no momento do planejamento e da prática pedagógica. In: IX APEND SUL 2012, Caxias do Sul. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Caxias do Sul: UCS, 12. v. 12, p. 1 - 12.

PAIXÃO, Tiago Nogueira; BORGES, Mavistelma Teixeira Carvalho. Clima e Ambiente na Educação Básica: propostas didáticas para a mediação dos conteúdos de clima na Geografia Escolar. **Rev. Geo**, Porangatu, v. 7, n. 1, p.144-164, 2018. Semestral.

PEREIRA, Eduardo Rafael de Moura; FERREIRA, Gustavo Henrique de Almeida; SANTOS, Anderson Oramísio. Didática e ensino de geografia hoje: possibilidades e desafios. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 9, p.43-62, julho/dezembro, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 / 4, p.5-24, 2010

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. ed. 5. São Paulo: Hucitec, 1997. 136 p.

SAQUET, Marcos Aurelio. O Território no Ensino-Aprendizagem de Geografia. **Geo Uerj**, 2012, v. 2, n. 23, p.699-716, 21 dez. 2012.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA E GA**. Curitiba, n 7. p. 79-85. 2003.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira da; SILVA, Edimilson Gomes da. O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. In: Colóquio Internacional "Educação E Contemporaneidade" 6., 2012, São Cristóvão. **Anais eletrônicos**. São Cristóvão: Educon, 2012. p. 1 - 15.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias. et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. ed. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. cap. 3, p. 77-116.

TALASKA, Alcione. Região e regionalização: revisão conceitual e análise do processo de reconfiguração fundiária e de alteração do uso da terra na região do Corede Norte/RS. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 37, p.201-215, mar. 2011.

TOCANTINS. **Referencial Curricular do Ensino Fundamental do Tocantins/** Disciplina de Geografia-2009.

TOCANTINS. Plano Político Pedagógico – Colégio de Aplicação. Araguaína. 2009.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. Traduzido por: Livia de Oliveira. ed. 1. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005. 374 p. Tradução de: **Landscapes of fear**.

8 APÊNDICES

8.1 APÊNDICE 1- PLANO DE ENSINO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Disciplina: Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental III

Supervisor da UFT: Reges Sodré da Luz Silva Dias

Estagiários(as): Douglas Souza Gomes

Tarcísio dos Santos Lima

Escola Campo de Estágio: Colégio de Aplicação

Docente Supervisor da Unidade Escola: Irciane Maria de Sousa Barros

Série/ Turmas: 9º ano "b"

PLANO DE ENSINO

CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"> • A geopolítica do mundo contemporâneo. • Aspecto Físico da Ásia. • Regionalização do continente asiático.
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância das relações políticas em âmbito internacional e a influência das organizações internacionais nas relações entre os países.

	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os aspectos físicos do continente asiático, tais, como relevo, hidrografia, clima e formações vegetais. • Mostrar a regionalização do continente asiático, apresentando as principais características de cada região e como elas se relacionam com o mundo.
HABILIDADES	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer as influências das relações internacionais nas relações dentro dos países. • Entender as relações e influências existentes entre relevo, hidrografia, clima e vegetação. • Saber a regionalização da Ásia e ser capaz de estabelecer uma conexão das especificidades de cada região com o que é exposto na mídia (televisão e internet principalmente).
METODOLOGIAS	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas e dialógicas. • Relacionando o conteúdo com o que é exposto pela mídia.
RECURSOS	<ul style="list-style-type: none"> • Livro didático, quadro negro, pincel, datashow, mapa mundi, globo e matérias de jornais digitais.
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • O método de avaliação será de duas formas: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Processual, baseada na participação dos alunos.

	✓ Atividade avaliativa ao final de cada conteúdo
BIBLIOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> • BOGILIAN, Levon. Espaço e vivência. São Paulo: Saraiva, 2016. (9º ano) • Referencial Curricular do Ensino Fundamental do Tocantins/Disciplina de Geografia – 2009.

Araguaína 02 de abril de 2018.

Estagiário(a)

Estagiário(a)

Patricia da Silva Sousa
Patricia da Silva Sousa
CRA de Ensino de Geografia
Matr. 112922-1

Profa. Sachi da Luz Silva Dias

Supervisor da UFT

Diretoria Regional de Ensino
Responsável

8.2 APÊNDICE 2 – PLANO DE AULA 01 (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
 PLANO DE AULA

Disciplina: Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – III

Supervisor da UFT: Reges Sodré da Luz Silva Dias

Estagiários(as): Douglas Souza Gomes

Tarcísio dos Santos Lima

Escola Campo de Estágio: Colégio de Aplicação

Docente Supervisor da Unidade Escola: Irciane Maria de Sousa Barros

PLANO DE AULA 01

Data:	24 de abril de 2018
Ano /Série/ Período:	9º ano
Turma:	"B"
Disciplina / Eixos:	Geografia/ Ciências Humanas
Bimestre:	2º bimestre
Competências:	Conhecer os conceitos básicos que cercam a geopolítica e como esses conceitos se relacionam na ordem prática de relacionamento entre os países.
Habilidades:	. Ao final de cada aula é esperado

que o aluno seja capaz de:

1ª aula

- Saber o conceito de geopolítica e como ela funciona no mundo
- Entender o que é território e sua estreita ligação com a geopolítica
- Entender o conceito de fronteira através da contextualização com as grandes guerras mundiais

2ª aula

- Identificar as potencialidades do território sírio
- Compreender o conflito interno na Síria
- Ter noção de quais são os interesses americanos e russos na Síria
- Saber quais as consequências da guerra e da intervenção russa e americana.

3ª aula

- Compreender as desavenças entre Coreia do Norte e EUA
- Entender por que Rússia e China pode intervir em caso de invasão americana ao país da Coreia do Norte

4ª aula

	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a principal organização mundial. <p>Compreender a sua influência na relação geopolítica entre as nações no mundo.</p>
Metodologias:	Aulas expositivas e dialógicas. Com o uso do mapa mundi e globo terrestre para localizar geograficamente os países abordados no conteúdo.
Conteúdo programático / Atividades:	<p>1ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conceito de geopolítica • Conceito de território • Conceito de fronteira • Contextualizar tais conceitos na 1ª e 2ª Guerra mundial <p>2ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Síria: localização e potencialidades • Rússia x Estados Unidos • Consequências <p>3ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coreia do Norte • Estados Unidos x Rússia e China <p>4ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • ONU

Plano de aula referente ao conteúdo Geopolítica

8.3 . APÊNDICE 3 – PLANO DE AULA 2 (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
PLANO DE AULA**

Disciplina: Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – III

Supervisor da UFT: Reges Sodré da Luz Silva Dias

Estagiários(as): Douglas Souza Gomes

Tarcísio dos Santos Lima

Escola Campo de Estágio: Colégio de Aplicação

Docente Supervisor da Unidade Escola: Irciane Maria de Sousa Barros

PLANO DE AULA 02

Data:	15 de maio de 2018
Ano /Série/ Período:	9º ano
Turma:	"B"
Disciplina / Eixos:	Geografia/ Ciências Humanas
Bimestre:	2º bimestre
Competências:	Conhecer os aspectos físicos da Ásia, tais como, relevo (Himalaia e suas influências no clima e na hidrografia do continente asiático), zonas climáticas que abrange a Ásia e os tipos de

	vegetação presentes nessas zonas climáticas.
Habilidades:	<p>1ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber a respeito da divisão territorial do continente asiático em países. • Identificar os limites naturais do continente asiático. <p>2ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a influência das Cordilheiras do Himalaia no clima e na hidrografia do continente asiático. • Entender o processo geológico que deu origem as Cordilheiras do Himalaia. <p>3ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as zonas climáticas e os tipos de climas que abrangem o continente asiático. • Identificar o tipo de vegetação predominante nessas zonas climáticas.
Metodologias:	Aulas expositivas e dialógicas. Uso do mapa mundi e de slide, para demonstrar a localização das

	características físicas, do continente asiático, apresentados no conteúdo.
Conteúdo programático / Atividades:	<p>1ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Noções introdutórias a respeito da Ásia <ul style="list-style-type: none"> ➤ Países que formam o continente asiático. ➤ Limites naturais do continente asiático. ➤ Área continental e número populacional da Ásia. <p>2ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cordilheiras do Himalaia. <ul style="list-style-type: none"> ➤ Processo geológico que lhe deu origem. ➤ Sua influência no clima. ➤ Rios que são originados das Cordilheiras do Himalaia. <p>3ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Zonas climáticas que abrange o continente asiático. <ul style="list-style-type: none"> ➤ Vegetações predominantes em cada zona climática no continente asiático.

Recursos:	Quadro, pincel, livro didático, mapa mundi e Datashow.
Avaliação:	Processual/contínua baseada na participação dos alunos. Com atividade ao final de cada conteúdo.
Bibliografia:	<ul style="list-style-type: none"> ♦ BOGILIAN, Levon. Espaço e vivência. São Paulo: Saraiva, 2016. (Livro adotado pelo Colégio de Aplicação) ♦ Referencial Curricular do Ensino Fundamental do Tocantins/Disciplina de Geografia – 2009. ♦ ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. Expedições geográficas. ed 2. São Paulo: Moderna, 2015.

Araguaína 15 de maio de 2018.

Plano de Aula referente ao conteúdo Aspectos Naturais do Continente Asiático.

8.4 APÊNDICE 4 – PLANO DE ENSINO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Disciplina: **Estágio Supervisionado no Ensino Médio IV**

Supervisor da UFT: Reges Sodré da Luz Silva Dias

Estagiários(as): Douglas Souza Gomes

Tarcísio dos Santos Lima

Escola Campo de Estágio: Colégio de Aplicação

Docente Supervisor da Unidade Escola: Irciane Maria de Sousa Barros

Série/ Turmas: 1º série "A" e "B"

PLANO DE ENSINO

CONTEÚDO:	<ul style="list-style-type: none"> • Clima e vegetação: Domínios climáticos frios e temperados. • Clima e vegetação: domínio climático tropical.
COMPETÊNCIAS:	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as características dos domínios climáticos frios e temperados. • Relacionar o clima tropical com as atividades humanas.
HABILIDADES:	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensionar a abrangência dos climas frios e temperados, evidenciando suas influências nos aspectos econômicos e na vida humana. • Fazer um panorama sobre a influência do clima tropical na vida humana, abordando como esse clima viabiliza ou dificulta

	a criação e cultivo de certos animais e plantas.
METODOLOGIAS:	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas e dialogadas. • Promover debates em sala, sobre o tema que está sendo abordado. • Levantar questões em sala, para promover a participação dos alunos na aula.
RECURSOS:	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de recursos didáticos como mapas e globo terrestre, apresentação em data show e o livro didático adotado pela escola.
AValiação:	<ul style="list-style-type: none"> • Processual/continua. • Aplicação de prova escrita ao final de cada conteúdo.
BIBLIOGRAFIA:	<ul style="list-style-type: none"> • AYOADE, J. C., Introdução à climatologia para os trópicos. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 332 p. Tradução de maria juraci zani dos santos. • MARTINI, Alice de; GAUDIO, Rogata Soares del. Geografia: ação e Transformação. São Paulo: Escala Educacional, 2016. 304 p. • Plano Político Pedagógico do Colégio de Aplicação 2017.

Araguaína 20 de agosto de 2018.

Luiz Carlos Sousa Júnior
Estagiário(a)

Tarcísio de Santa
Estagiário(a)

Janilda dos Espíndola
Coordenador(a)

Roselinda
Supervisor da UFT

Jelson Sousa da Paz
Diretoria Regional de Ensino
Responsável

Plano de Ensino referente ao conteúdo geral Aspectos Naturais do Brasil

8.5 APÊNDICE 5 – PLANO DE AULA (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
PLANO DE AULA**

Disciplina: Estágio Supervisionado no Ensino Médio - IV

Supervisor da UFT: Reges Sodré da Luz Silva Dias

Estagiários(as): Douglas Souza Gomes

Tarcísio dos Santos Lima

Escola Campo de Estágio: Colégio de Aplicação

Docente Supervisor da Unidade Escola: Irciane Maria de Sousa Barros

PLANO DE AULA 01

Data:	03 de setembro de 2018
Ano /Série/ Período:	1º ano
Turma:	A e B
Disciplina / Eixos:	Ciências Humanas/ Geografia
Bimestre:	3º
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os aspectos climáticos brasileiro e sua influência na formação dos grandes domínios vegetais
Habilidades:	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a dinâmica das massas de ar que atuam no Brasil.

	<p>6ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aplicação da atividade avaliativa.
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro, pincel, apagador, mapa político do Brasil, livro didático, Datashow, pendrive.
Avaliação:	<ul style="list-style-type: none"> • Processual/contínua. • Aplicação de atividade escrita ao final de cada conteúdo.
Bibliografia:	<ul style="list-style-type: none"> • MARTINI, Alice de; GAUDIO, Rogata Soares del. Geografia: Ação e Transformação. São Paulo: Escala Educacional, 2016. 304 p. (1º ano do Ensino Médio). • Plano Político Pedagógico do Colégio de Aplicação
Observações:	<ul style="list-style-type: none"> • As apresentações dos seminários podem ser substituídas por uma atividade avaliativa, caso os alunos não se preparem para as apresentações. • A atividade avaliativa da última aula pode ser substituída pela semana de prova, que ainda vai ter data definida.

Araguaína 03 de setembro de 2018.

	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensionar os grandes domínios vegetais do território brasileiro, interpretando o mapa de biomas do Brasil • Estudar o domínio vegetal amazônico, evidenciando suas características principais e evidenciar os impactos causados ao bioma cerrado devido o avanço do agronegócio.
Metodologias:	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas expositivas dialógicas. • Discussão do conteúdo através de leituras e debates em sala.
Conteúdo programático / Atividades:	<p>1ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conceituação do que são massas de ar • Massas de ar presentes no Brasil <p>2ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade <p>3ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção da atividade • Peculiaridades do clima nordestino <p>4ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definição dos grupos para o seminário sobre os domínios morfoclimáticos • Diferenciação entre evaporação, evapotranspiração e transpiração <p>5ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos seminários

Plano de aula referente ao conteúdo Aspectos Naturais do Brasil.

8.6 APÊNDICE 6 – REPORTAGEM/ATIVIDADE (ESTÁGIO SUPERVISIONADO III)

1- *Reportagem que representa o aumento da tensão internacional devido os testes balístico da Coreia do*

Norte.

China condena último lançamento de míssil pela Coreia do Norte

O Ministério das Relações Exteriores da China classificou a situação na Península Coreana como 'complexa, sensível e severa'

Publicado em 15/09/2017,

O Ministério das Relações Exteriores da China condenou o último lançamento de míssil pela Coreia do Norte e pediu que todos os lados busquem o diálogo para reduzir as tensões.

A porta-voz do Ministério, Hua Chunying, disse a repórteres nesta sexta-feira que a situação na Península Coreana continua "complexa, sensível e severa". Ela pediu que todas as partes evitem ações que possam inflamar as tensões.

"O que está pressionando, agora, é que todos os lados devem, imediatamente, interromper suas ações e palavras perigosas e provocativas que aumentem a tensão", disse a porta-voz.

Sanções

A China, um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), concordou com as últimas sanções que limitam as exportações de combustível, bloqueiam as vendas de têxteis e proíbem os países de emitirem novas licenças de trabalho para norte-coreanos.

PALAVRAS-CHAVE

coreia do norte

china

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2017/09/15/china-condena-ultimo-lancamento-de-missil-pela-coreia-do-norte-306951.php>

2- *Reportagem que demonstra o alívio das tensões internacionais, devido o início do diálogo entre Coreia do Norte*

O 'sim' histórico de Trump a Kim Jong-un

Presidente dos EUA aceita se reunir com líder da Coreia do Norte para discutir fim do programa nuclear

O cenário mais explosivo do planeta mudou radicalmente. Há três meses, Kim Jong-un e Donald Trump se insultavam e ameaçavam provocar um holocausto nuclear; hoje, estão prestes a se sentar frente a frente numa mesa de negociação. O presidente dos Estados Unidos aceitou "no lugar e momento que se determine" o inesperado convite do líder da Coreia do Norte para uma reunião de cúpula bilateral. A solicitação foi transmitida a Trump nesta quinta-feira por um emissário sul-coreano que se reuniu com Kim Jong-un na terça-feira passada em Pyongyang. Na mensagem, o Líder Supremo do regime norte-coreano oferece a desnuclearização do país e a suspensão dos testes nucleares e balísticos. Jamais houve um encontro direto entre os mandatários de ambas as nações.

(...)

A materialização de uma negociação direta entre os Estados Unidos e a Coreia do Norte representa um passo histórico. É um triunfo para Trump, mas também uma demonstração do imenso poder do eixo Pequim-Washington. Em sua estratégia para frear a corrida armamentista de Pyongyang, a Casa Branca brandiu seu poderio militar e exibiu uma retórica pré-bélica extremamente áspera. Somou a isso uma escalada de sanções em que o apoio da China, que absorve 90% das exportações norte-coreanas, acabou sendo determinante.

O efeito deste cerco combinado, que desgastou profundamente o regime de Pyongyang, foi a busca por um escape por parte de Kim Jong-un. Ele não só se lançou a um diálogo direto com o presidente sul-coreano, Moon Jae-in, que terá lugar em abril na zona desmilitarizada da fronteira intercoreana, como também ofereceu agora – e conseguiu – uma reunião frente a frente com seu arqui-inimigo norte-americano. E sobre esse bolo colocou a cereja mais desejada: renunciar ao arsenal atômico em troca da sobrevivência do regime. Justamente o que Washington se dispõe a aceitar, desde que a desnuclearização seja permanente. É algo que também satisfaz a Pequim, que assim mantém a Coreia do Norte como anteparo frente ao seu vizinho do sul e às tropas norte-americanas lá instaladas.

(...)

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/09/internacional/1520552645_644417.html

Atividade referente ao conteúdo (Coreia do Norte VS Estados Unidos da América)

8.7 APÊNDICE 7 – ATIVIDADE (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)

Colégio de Aplicação

Data: 05 de setembro de 2018

Professores: Douglas Souza Gomes/ Tarcísio dos Santos Lima

Disciplina: Geografia

Tema: Aspectos Naturais do Brasil/ Massas de ar

Atividade

1. O que vai definir as características de uma massa de ar em fria ou quente e em úmida ou seca? Dê exemplos.
2. Por qual motivo uma massa de ar formada sobre o oceano sempre será úmida?
3. Qual a características de uma massa de ar originada sobre um deserto gelado?
4. O Tocantins apresenta quantas estações bem definidas e quais suas características?
5. De acordo com o que foi abordado em sala de aula sobre a nomeação das massas de ar, responda.
 - a) Como se nomearia uma massa de ar originada no continente próximo a Linha do Equador?
 - b) Nomeie a massa de ar que se origina mais próximo do polo norte no Oceano Atlântico.

Atividade referente ao conteúdo Massas de ar que atuam no Brasil

8.8 APÊNDICE 8 – ATIVIDADE DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS (ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO MÉDIO IV)

Colégio de Aplicação

Data: 18 de setembro de 2018

Professores: Douglas Souza Gomes/ Tarcísio dos Santos Lima

Disciplina: Geografia

Tema: Domínios Morfoclimáticos

ATIVIDADE

- 1- Conceitue o que são Domínios Morfoclimáticos?
- 2- Qual o nome do Pesquisador que formulou essa teoria? Em quantos domínios ele dividiu o território brasileiro?
- 3- Qual o conceito de evapotranspiração? Explique os motivos que propiciam a maior ocorrência de evapotranspiração próximo a Linha do Equador?
- 4- A Floresta Amazônica possui características singulares em sua vegetação. Cite-as
- 5- A Floresta Amazônica apresenta subdivisões. Cite e conceitue cada uma delas.
- 6- Explique por que a Floresta Amazônica é um domínio autossustentável
- 7- O livro cita três períodos em que se intensificou a investida de ações humanas sobre a Floresta Amazônica. Identifique esses períodos e quais eram os objetivos de exploração em cada um deles.
- 8- O solo do Cerrado é pobre em nutrientes. De acordo com o autor do livro, quais as consequências disso para as árvores deste domínio?
- 9- De acordo com o mapa da página 141 do livro. Em qual domínio o Estado do Tocantins está inserido? E quais as características climáticas desse domínio?
- 10- Ainda analisando o mapa da página 141. Qual o Domínio morfoclimáticos mais extenso de acordo com a divisão feita por Aziz Ab'Saber?

Atividade referente ao conteúdo Domínios Morfoclimáticos

9 ANEXOS

9.1 ANEXO 1 - ATIVIDADE — (ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV)

Atividade : (a partir da pág 141)

- 1- Conceitue o que são domínios morfoclimáticos.
A interação entre relevo, clima, solos, hidrografia, flora e fauna de determinado lugar e seu intercâmbio com as vizinhanças. Inicialmente corresponde ao conceito de domínios morfoclimáticos.
- 2- Qual o nome do pesquisador que formulou esta teoria? Em quantos domínios ele dividiu o território brasileiro? Nomeie cada domínio. Aziz Ab'Sáber. Em 7 domínios, semi-árido, cerrado, mata e campos, caatinga, brejeiros, pradarias e Transição não diferenciada.
- 3- Qual o conceito de evapotranspiração? Explique os motivos que propiciam a maior ocorrência de evapotranspiração próximo à linha do Equador. Processo conjunto de transição do estado líquido para o gasoso da água contida nos rios, nas plantas, em solos, lagoas e represas. Quanto mais próximo à linha do Equador (baixas latitudes), mais as temperaturas tendem a aumentar.
- 4- A floresta Amazônica possui características singulares na sua vegetação. Liste-as.
Pereniflora, higrofila, latifoliada, heterogênea e estratificada.



5 - A floresta Amazônica apresenta subdivisões e conceitua cada uma delas.

Mata de igapó: solos permanentemente alagados, ácidos, árvores que podem alcançar 30 metros de altura, epífitas e cipós. Mata de várzea: ocorre nos terrenos sazonalmente alagados. Mata de terra firme: ocorre em áreas onde não há inundação sistemática.

6 - Explique por que a floresta Amazônica é um domínio auto-sustentável. A floresta Amazônica desenvolve-se sobre um solo superficial muito fértil. A fertilidade do solo amazônico está restrita à camada superior, que possui húmus. Dessa forma

7 - O livro cita três períodos em que se intensificou a investida de ações humanas sobre a floresta amazônica. Identifique esses períodos e quais eram os objetivos de exploração em cada um deles. Política de drogas medicinas.

A região teve ampla exploração de látex das seringueiras para a produção de borracha natural, atividade que chegou ao fim por causa da concorrência asiática do látex. A partir da década de 1970, o processo de ocupação se intensificou em consequência do estímulo do governo militar à ocupação da região, foram feitas obras grandiosas, a exemplo

- O solo do cerrado é pobre em nutrientes. De acordo com o livro qual a consequência disso para as árvores deste domínio?

★ similar e nos crescimentos a causa e aspecto tortuoso dos caules das árvores.

9 - De acordo com o mapa da pág. 141 do livro, em qual domínio o Tocantins está inserido? Quais as características climáticas deste domínio? Resposta: Chapadões tropicais úmidos com cerrado e floresta-galeria e Transição mais diferenciada.

10 - Ainda analisando o mapa da pág. 141. Qual o domínio morfoclimático mais intenso de acordo com a divisão feita por Aziz Ab'Sáber? Amazônico

6 - Continuação: a medida que os rios orgânicos da floresta correm sobre o solo, ajudam a fertilizá-lo mantendo um ciclo biológico que se auto-sustenta.

7 - Continuação: exemplo da rede de Transamazônica e da usina hidrelétrica de Balbina. Em período mais recente, a degradação pelo ser humano continua na forma de desmatamento e queimadas. A agricultura e a pecuária em áreas de floresta e o desenvolvimento sustentável fica prejudicado.

Atividade referente ao conteúdo Domínios Morfoclimáticos respondida por uma aluna